



O MINISTÉRIO ADVENTISTA



ANO 24

MARÇO-ABRIL DE 1958

Nº. 2



"O estudo das Sagradas Escrituras instrui, edifica, e prepara o homem para o encontro com Deus."



Ressentimento

J. A. BUCKWALTER

UMA das tentações a que o ministro em seu ofício precisa invariavelmente evitar é a tendência de remoer ressentimentos pessoais como justa indignação. Tal sentimento procura expressar-se onde quer que o ministro se depare com mal-entendidos, falseamentos, criticismo injustificado ou obstinada oposição a seus planos. Pode ser uma expressão de suas emoções imaturas e sobrecarregadas.

Pregadores possuídos de íntimo ressentimento pregam sermões ríspidos ou lamurientos que são apenas a expressão de seus próprios desgostos ou inquietações íntimas. A impertinência de tais ressentimentos traduzidos em lamúrias é uma piedosa degradação do ministério evangélico.

Todo pregador devia assegurar-se de que sua condenação do pecado não é meramente a condenação de determinados pecadores assentados na congregação. Deve ele estar sempre consciente do fato de que todos estão lutando na dura batalha contra o pecado e o mal, e necessita constantemente de encorajamento da parte do Senhor e a inspiradora mensagem de paz, amor e salvação provida na Palavra de Deus.

Um verdadeiro ministro deve sempre buscar mediante oração e companheirismo amar e compreender seu povo. Toda congregação cristã tem o direito outorgado por Deus de se ver livre de um pregador ressentido. Em seu livro *The Minister Looks at Himself*, o Dr. Wayne C. Clark se refere à frustração do pregador que descobre certas pessoas na congregação que depreciam ou subestimam seus ferventes esforços do púlpito, e afirma que a razão que está por trás disto é em geral o fato de "que o ministro tem confundido objetivos pessoais com objetivos do reino. Ele parece incapaz de distinguir entre os dois. Assegura-se a si mesmo, à congregação e mesmo ao Senhor que está trabalhando e se sacrificando exclusivamente pelo benefício da igreja, ao passo que na realidade, embora inconscientemente, pode estar trabalhando e se sacrificando principalmente em seu próprio benefício. Assim torna-se-lhe extremamente difícil ser objetivo quando dá com oposição."

(Continua na pág. 21)

"Sacrifício de Tolos"

EARL E. CLEVELAND

VOLUMES têm sido escritos sôbre o programa de trabalho do ministro, e pouco sômente sôbre o seu *descanso*. A idéia geral é que esta parte do seu programa está recebendo a devida atenção. Nada poderia estar mais distante da verdade. Há homens entre nós tão conscienciosos que durante anos não têm tido um período de férias. Sua dedicação ao dever é sem dúvida digna de louvores, mas seu procedimento é errôneo. Jesus Cristo convidou Seus discípulos à parte, para um pequeno descanso, e ninguém há mais ocupado do que Ele o foi.

Queimar a vela em ambas as extremidades encurta a vida da vela. Melhor é ter pouca luz por longo tempo, que ter um flamejante meteoro por um pouco de tempo em seguida trevas completas. Nosso ocupado irmão deve também pensar em sua espôsa e filhos, sujeitas a serem logo privados do espôso e pai. Sirva isto apenas para esfriar seu zêlo para martírio prematuro.

"Eu estudo melhor entre as três e quatro da manhã," observou um pregador, a quem aparentemente não havia ocorrido que essas horas foram separadas para o sono, e não para estudo. Quanta boa espôsa de ministro suporta a tortura de ver seu marido gastar-se sob a pressão de um programa estafante de trabalho e aplicação mental demasiadamente constante. Alimentação tomada de afogadilho, apressadas despedidas e apressado caminhar, eis uma fórmula produtora de úlcera capaz de destruir seu apressado possuidor. "Eu não tenho tempo para férias," pode soar como a alegação de um homem de *valor*, mas é na verdade um "sacrifício de tolos."

Exercício físico, ar fresco e sol são as mais negligenciadas de nossas bênçãos. Não há sacrifício da dignidade ministerial num moderado programa atlético que exercite os músculos e os órgãos vitais. Tem sido posta tanta ênfase no "aspecto ministerial" que alguns homens literalmente vivem metidos num colête apertado. Não raro o resultado é um homem nervoso, tipo manequim, de difícil trato, com perspectiva mental estreita, e que insiste, por exemplo, que o seu garôto considere um esporte limpo, como o *baseball*, como sendo pecado. O pregador deve reconhecer que um ministério mais apropriadamente apresentado pode produzir melhor fruto espiritualmente. Procurando construir Roma num dia, destruireis o construtor num ápice, e não produzireis sequer um estável fundamento para Roma.



Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela
Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator responsável — Luiz Waldvogel
Redator associado — Rafael de A. Butler
Colaborador especial:
Walter E. Murray



ANO 24	No. 2
DE CORAÇÃO A CORAÇÃO	2
Ressentimento	
Sacrifício de Tolos	
ILUSTRAÇÕES	3
"Êles não o Merecem, Senhor"	
O Hall da Fama	
Como se Fôsse para Êle	
ARTIGOS GERAIS	4
Administradores Dirigidos pelo Espí- rito	
Administradores da Causa de Deus	
História e Administração das Divisões	
PASTOR — Pastoreio do Rebanho	12
Reuniões Pastorais de Obreiros	
EVANGELISMO	15
O Evangelismo na Idade Atômica	
CITAÇÕES ÚTEIS	19
O Repto do Crescimento Intelectual e Espiritual	
Sugestões a Pastôres-chefes	
INSTRUTOR BÍBLICO	22
Um Estudo em Sete	
EVANGELISMO DA SAÚDE	23
Informação Recente Sobre Triquinose	
NOTÍCIAS — Da Imprensa	24

ILUSTRAÇÕES

"Êles não o Merecem, Senhor"

Paulo I. Wellman, em *The Chain*, conta-nos uma bela história originária dos negros do sul. Refere-se ela à quarta tentação. Todos conhecemos as três tentações de Jesus no monte, isto é, a da fome, do insultuoso desafio e do ambicioso orgulho. Mas os negros do sul falam de uma quarta tentação, que veio a Jesus quando Êle estava suspenso da cruz. Satanás retornou a Êle e sussurrou-Lhe ao ouvido: "Êles não O merecem, Senhor." Nesta altura do drama do Calvário, o Mestre levantou a voz, e clamou: "Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem." E imediatamente Satanás fugiu, pois êle sabia que os poderes das trevas jamais poderiam prevalecer contra a imaculada alma do Filho de Deus.

— Andrew Christian Braun em *The Conquest of Life*.

O Hall da Fama

A inscrição sob o busto de Booker T. Washington no *Hall da Fama*, contém estas dez palavras de sabedoria viva: "Vivemos pelo que obtemos, mas fazemos viver pelo que damos." Ninguém poderia expressar melhor a grande lição da experiência humana de que nenhuma pessoa é honrada pelo que recebe, mas honra é a sua recompensa pelo que dá.

Como se Fôsse para Êle

William Stidger conta a história de como Santo Antônio orava e lia a sua Bíblia durante horas cada dia, vindo a tornar-se um homem muito bom. Mas um dia o Senhor lhe disse que havia um homem melhor do que êle. Este homem era Conrado, o remendão de Jerusalém. Antônio foi em visita ao remendão e compreendeu o segrêdo de sua bondade. Conrado protestou quanto a ser considerado bom, mas disse: "Se quiser saber o que eu faço, posso lhe dizer. Sou remendão de sapatos, e cada par eu remendo como se fôsse para Jesus." — *Seleto*.

ARTIGOS GERAIS

Administradores Dirigidos pelo Espírito

R. R. FIGUHR

Presidente da Associação Geral dos Adventistas do
Sétimo Dia

DEVEM os líderes adventistas do sétimo dia ser homens espirituais. Ninguém pode ser bemsucedido nem fazer qualquer contribuição de valor para a igreja se não fôr dirigido pelo Espírito. Os talentos, a experiência, o entusiasmo, trabalho árduo bem como a instrução não possuem valor algum a menos que em todos êles haja o sôpro dos Céus.

Na antiga Babilônia pagã, Daniel foi escolhido para um cargo de grande responsabilidade porque nêle foi achado “um espírito excelente.” (Dan. 5:12). A leitura do livro que leva o nome do profeta claramente revela que Daniel foi bemsucedido como administrador por motivo de sua profunda vida espiritual. Nunca teria o mundo ouvido acêrca dêsse homem nem de sua longa e importante carreira caso êle não houvesse cuidadosa e diàriamente nutrido a sua espiritualidade por meio de oração e santa meditação. “Ês grandemente amado,” foi a mensagem do Céu para Daniel.

Para Daniel não lhe foi fácil manter êsse elevado nível de vida espiritual. Era homem ocupado. Havia muitas entrevistas, contratempos e assuntos que êle tinha que tratar pessoalmente. Seus companheiros de ofício eram pagãos. A própria atmosfera estava impregnada de paganismo; não obstante Daniel constantemente cresceu em força espiritual. A intensidade de suas ocupações não o privavam do tempo que reservara para a oração. O único fracasso que temia era que não correspondesse à expectativa divina para com êle. Não poderá fracassar nesta causa líder nenhum que tenha em tão alta estima a aprovação celestial.

Que grande privilégio tem sido para a causa de Deus, contar ela com líderes tais como Daniel. Pode o dinheiro falhar; podem os membros ser espalhados por perseguição; mas uma vez que conte com liderança temente a Deus a causa progredirá firmemente porque uma estrutura espiritual duradoura foi estabelecida. Esta lição foi inculcada em Gideão quando numa hora crítica foi chamado para liderar o povo de Deus. Deus ocupou o primeiro lugar em seu serviço. Seu triunfante brado de guerra e de seus guerreiros foi: “A espada do Senhor e de Gideão.” (Juí. 7:20).

Como é importante aquela “palavra do Senhor” concedida a Zorobabel no passado: “Não

por fôrça [humana] nem por violência [do homem], mas pelo Meu espírito, diz o Senhor” (Zac. 4:6). A fôrça e violência humanas podem impressionar alguém por algum tempo, mas não produzem resultados duradouros nem proveitosos. O que é efetuado mediante a guia divina e no temor de Deus é tão duradouro quanto o próprio tempo.

Os administradores de Associações, campos missionários, instituições — quem quer que sejam e onde quer que estejam — devem estar repletos do Espírito e por Êle dirigidos para produzirem resultados de valor duradouro para a causa de Deus. O talento, a capacidade excepcional, a personalidade cativante, a inteligência, a instrução — são todos úteis sômente quando dedicados e consagrados à causa de Deus e submetidos à direção divina. Sob qualquer circunstância o homem pio é uma fôrça poderosa para o bem na Terra, mas quando o líder capaz é sobretudo um homem de Deus, o seu poder para o bem é muitíssimo aumentado.

O conselho ministrado pela mensageira do Senhor aos que se dedicam ao serviço espiritual é bom conselho para os administradores adventistas do sétimo dia:

“Separai uma parte de cada dia para o estudo das Escrituras e a comunhão com Deus. Assim obtereis fôrça espiritual e crescereis no favor de Deus. Êle sômente vos pode dar nobres aspirações; Êle, unicamente é capaz de modelar o caráter segundo a semelhança divina. Aproximai-vos d’Êle com fervorosa oração, e Êle vos encherá o coração de elevados e santos propósitos, e de profundos e sinceros desejos de pureza e serenidade de pensamento.” — *Obreiros Evangélicos*, pág. 100.

È aí assinalada a maneira do crescimento espiritual: Oração, estudo bíblico e exame de consciência produzirão poder. O líder que assim proceder estará em contato íntimo com o Céu e continuamente sob a guia divina. Desfrutará da confiança tanto dos membros da igreja como dos obreiros. Se, às vêzes, pareça estar sôzinho em questões importantes, terá êle uma fonte de fortalecimento e animação mais do que suficiente para o amparar. Declaração reveladora da fortaleza espiritual de Davi acha-se registrada quando êle e seus companheiros voltaram de Ziclág e encontraram tôdas as famílias e suas possessões pilhadas pelos amalequitas. Em seu desespero e afli-

ção, os companheiros de Davi confabulavam a sua morte por apedrejamento, pois julgavam que alguém tinha que ser responsabilizado por tudo quanto acontecera. Que fez Davi naquele momento crítico? "Fortaleceu-se Davi no Senhor seu Deus" (I Sam. 30:6). Maravilhosa fonte de fortaleza, essa, para todo líder, com que êle se tem que relacionar antes de sobrevir a crise.

Com muito acêrto se diz que o espírito e tẽmpera de qualquer organização é grandemente atribuída à índole de seus líderes. A história do povo de Deus o confirma. Quando Israel tinha líderes bons e pios, a nação era fiel a Deus e prosperava. Quando os líderes de Israel se desviavam de Deus e se entregavam ao culto idólotra e sua conseqüente iniquidade, era-o por motivo da índole má de seus líderes. Ocorriam reavivamentos em Israel quando líderes pios dirigiam o povo. Esta lição não deve ser por nós desprezada ho-

je. Nenhum reavivamento jamais ocorreu como resultado de crítica nem por incutir de-sânimo ou por transmitir mensagens lúgubres à igreja. Tiveram êles origem com homens e mulheres que sentiram profundamente sua deficiência e incapacidade, e dobrando os joelhos perante Deus com humilde reconhecimento de sua grande necessidade, experimentaram a superabundante presença e o poder do Espírito Santo. Pessoas foram levadas a confessar a influência irradiante dessas vidas. Ao falarem essas pessoas particularmente ou em público dão testemunho edificante que despertam anseios sinceros de santidade em muitos corações. Um líder na causa de Deus deve ser um homem dessa espécie. O tal será um líder de grande carreira. Será, também, genuíno reformador.

Oxalá nós, que fomos chamados à liderança nesta causa e nesta última hora, sejamos homens tais!

Administradores da Causa de Deus

W. R. BEACH

Secretário da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia

VULGAR é declarar-se a importância do papel que os administradores assumem em nosso meio. Êsses homens são chamados para serem líderes na igreja, e a influência dos líderes é extensiva e decisiva.

A liderança é algo mais do que a aceitação de um cargo. Esta responsabilidade tem grande alcance e envolve o destino eterno de almas. De fato, todo passo de progresso nesta grande obra pode ser atribuído à influência de "um homem de Deus." O líder ou constrói ou destrói. O problema básico em toda parte e em todas as coisas consiste em achar um homem ou uma mulher a quem Deus possa chamar e usar para glorificar o Seu nome.

Êsse tem sido o caso desde o princípio. Uma "nuvem de testemunhas" tem acompanhado o desdobramento e a prossecução da causa de Deus. Verdadeiros líderes que, como Gideão, podiam dizer: "Olhai para mim" (Juí. 7:17), estiveram na vanguarda em todos os tempos. Sua personalidade salientou-se pelo bom ânimo, a constância e a cautela. Foram homens de visão e ação. Seu exemplo inspirou os líderes do Movimento Adventista, em qualquer que fôsse o seu setor de atividade. Agradecemos a Deus dia a dia por êsses destemidos do passado, inclusive os da igreja remanescente. Nós, de hoje, devemos aspirar ao cumprimento de nossa missão com idêntica inteireza de propósito e dedicação.

Tão necessário é que compreendamos a importância da liderança, que eu gostaria de iniciar a nossa meditação com as seguintes palavras inspiradas:

"Se os líderes na causa da verdade não mostram zelo, se são indiferentes e destituídos de propósito, a igreja será descuidada, indolente, amante dos prazeres; mas se são cheios do santo propósito de servir a Deus e a Êle sòmente, o povo estará unido, esperançoso, atento."—*Prophets and Kings*, pág. 676.

Isto é verdade. O desempenho de um cargo implica, pois, em uma responsabilidade de capital significação. Obrigações especiais são impostas aos líderes. O seu desempenho requer esforço árduo, elevado senso do dever, vigilância constante.

Sem dúvida nós, que queremos liderar hoje, precisamos ser homens e mulheres espirituais: Dessa espécie, o Gideão do passado é um exemplo frisante. Dêle acha-se escrito: "O Espírito do Senhor revestiu a Gideão, o qual tocou a buzina." Juizes 6:34.

O Espírito do Senhor soprou com violência na igreja apostólica. Os líderes eram canais santificados, pelos quais se manifestavam vida e poder. Todas as eras subsequentes foram influenciadas por aquela manifestação. Essa é a maneira de Deus atuar hoje.

Sòmente líderes cheios do Espírito podem erguer a igreja remanescente de Deus ao alto nível de vida e ação que deve alcançar. A igreja é o receptáculo da graça de Deus, em que Êle Se deleita em revelar o Seu poder para salvação. Aí é que Êle quer fazer experimentos nos corações humanos por meio da atuação de Sua misericórdia, efetuando "transformações tão portentosas que Satanás,

com tôda a sua triunfante bazófia, com tôda a sua conspiração do mal contra Deus e contra as leis do seu govêrno, fica a contemplá-la como a uma fortaleza inexpugnável aos seus sofismas e enganoso.”—*Testimonies to Ministers*, pág. 18. O dom do Espírito Santo, rico, amplo e abundante, circundará os líderes da igreja dedicados a êsse plano, de um muro de glória contra que não prevalecerão os poderes do mal. Certamente, nós, os desta hora incomparável, devemos estar inspirados da voluntariedade de atingir a norma divina de mordomos do Seu amor.

Os Administradores de Deus

Desejo agora chamar a vossa atenção para outro pensamento importante. Reconhecemos que os administradores são líderes. Podemos inverter essa ordem e declarar que os líderes são administradores. Mas, de que são êles administradores? Qual é o objetivo de seu empenho e pericia administrativos? Neste ponto é que o título dêste artigo vem em nosso socorro: temos que ser administradores da causa de Deus. Bem faremos com examinar esta declaração, pois a sua significação é de importância transcendental.

Numerosos são os administradores, e de muitas espécies no mundo hodierno. De fato, o pessoal administrativo talvez tenha aumentado em desproporção com as suas realizações. No Govêrno e na indústria chama-se a isso burocracia. Quando se perde o equilíbrio correto entre a atividade e o pessoal, a burocracia surge como uma praga em qualquer organização. Neste sentido, temos que exercer cuidado para discernir as atividades que são essenciais e colocar à sua frente administradores ativos. Muitas atividades produtivas serão acrescentadas, na igreja de Deus, à impressionante lista existente. Deus ainda possui mil maneiras de nós desconhecidas, com as quais Êle pretende realizar com rapidez a Sua obra. Nós temos que descobri-las. Este plano de expansão requererá muitos obreiros mais dotados de capacidade administrativa.

O pensamento que estou salientando, porém, relaciona-se com a natureza de nossa administração. Não somos chamados a administrar uma sociedade de antagonicos, nem uma irmandade filosófica, nem uma liga de boa vontade de interesse da comunidade. Não somos convocados para participar das responsabilidades de um “grande negócio”. O nosso empreendimento não é comercial nem industrial. Não temos a responsabilidade de administrar uma república, uma comunidade de nações ou um reino terrestre. Nossa missão é administrar a causa de Deus.

Sem dúvida, os princípios básicos da administração são mais ou menos aplicáveis às várias formas de emprêsas coletivas. De fato, muito há que aprendermos de uma administração correta das espécies mencionadas. O respeito pela lei orgânica e à norma peculiar à administração de um Estado, evoca um requisito similar na administração da causa de Deus. Nenhuma Municipalidade, dis-

trito ou província pode tentar a adoção legal de uma norma que colida com os princípios e poderes estatuidos na constituição nacional. Por outro lado, poderes e responsabilidades definidos são reservados às unidades subsidiárias. Numerosos princípios da qualificação de um estadista são aplicáveis ao exercício do govêrno da igreja.

Havendo nós dito isto, não devemos esquecer as diferenças básicas e a necessidade de pensamento cuidadoso. Cometer-se-ão erros em princípios fundamentais se formos indevidamente influenciados por organizações políticas da terra em que vivermos. Podem ocorrer apostasias quando as igrejas aperfeiçoam uma forma de govêrno comparável ao govêrno civil sob que elas se formaram. A Igreja Católica, Romana, cresceu em poder circundada pela autoridade autocrática de Roma e o domínio absoluto dos antigos reis e imperadores. O resultado final foi uma forma autocrática, totalitária de govêrno eclesiástico de que o papa é o chefe supremo. Os dogmas e pronunciamientos papais constituem a lei suprema da igreja. Êste é apenas um exemplo, que foi repetido sob circunstâncias várias.

Entretanto, desde o princípio, os adventistas do sétimo dia têm buscado moldar as suas formas de govêrno da igreja em harmonia com os princípios básicos da organização da igreja apostólica. Empenhamo-nos em seguir os ensinamentos dos profetas e dos apóstolos. Êsses ensinamentos devem estar sempre perante nós. Devemos evitar a imitação de procedimentos executivos, legislativos ou judiciais de qualquer govêrno terrestre. Eu poderia enumerar os verdadeiros perigos neste sentido. Ao contrário, temos que apegar-nos aos princípios básicos da organização e administração peculiar à causa de Deus.

Uma palavra de advertência se justifica, também, no tocante a “grande negócio.” Esta época é de indústria e comércio. Os negócios hoje são efetuados por meio de organizações bem-dirigidas. Esta organização é extremamente eficaz. Muitos princípios básicos de função comercial são essenciais a qualquer boa administração. Êstes fatores desejáveis surgem especialmente do bom senso e da correta compreensão das boas relações.

Neste ponto, entretanto, podemos também cometer um grande êrro. A igreja de Deus não é um “grande negócio.” Não pode a igreja remanescente ser organizada e administrada como “O Fim do Mundo Ltda.” Boas finanças e operação eficaz são importantes, indispensáveis mesmo; mas o fator “bom negócio,” embora de êxito, e basicamente necessário, não deve preponderar. Não deve mesmo merecer a preeminência na estrutura geral. O Movimento Adventista é a causa de Deus, e a sua liderança tem que levar em conta êste conceito fundamental.

Nossa igreja possui um espírito especial. O cuidado de seus líderes deve ser sempre o de manter-se sensível à natureza de seu espírito, e, com isto em mente, desenvolver e expandir uma organização que funcione eficazmente. Muito naturalmente êles evitarão os

estilos nacionais ou comerciais e pensarão e administrarão coerentemente dentro da estrutura de uma causa — a causa de Deus.

O Alvo de Nossa Administração

Outro princípio necessita ser salientado. Refere-se êle ao alvo de nossa administração. Tratando do assunto com tôda a objetividade, entendo que os líderes adventistas do sétimo dia assumem a responsabilidade de uma administração mundial. A obra divina nunca estará terminada em nenhum país, igreja ou instituição sem que esteja terminada em tôda parte.

O evangelho eterno tem que ser proclamado a "tôda nação, e tribo, e língua, e povo". Jesus não disse: "Eu sou a luz da Palestina". Êle proclamou: "Eu sou a luz do mundo" (S. João 8:12). Não ensinou aos Seus discípulos que seriam "o sal de Nazaré"; disse, porém, "vós sois o sal da Terra" (S. Mat. 5:13). Seu programa foi assim apresentado: "E Eu, quando fôr levantado da Terra, todos atrairei a Mim." S. João 12:32.

Isto era estratégia em escala universal, e os crentes apostólicos, bem cedo adquiriram êsse conceito da causa de Deus. O concílio de Jerusalém estabeleceu o procedimento da instituição cristã: a igreja não seria sectária; não seria provincial, nem mesmo continental; seria um empreendimento mundial. Os servidores da igreja seriam administradores de uma mensagem universal.

Regista a História uma apostasia. Estreitou-se a visão da igreja, que se tornou principalmente latina e européia. Deixou ela de ser católica. Esta perda da visão mundial teve conseqüências desastrosas. Desapareceu o estímulo da evangelização do mundo; quebrou-se a espada da conquista. No raio de nossa época moderna o mundo não europeu estava ainda mergulhado em absoluta ignorância das boas-novas divinas.

Ocorreu, então, a Reforma do século dezeséis. Em parte motivado pela não catolicidade do Catolicismo Romano, foi que surgiu a reforma. Os reformadores buscaram não apenas a pureza interna da igreja, mas também a sua missão universal. Ao mesmo tempo houve uma revolta contra os restritos e opressivos princípios de administração que tornavam impossível a verdadeira catolicidade. Sobre êste ponto é oportuna a seguinte citação de John C. McNeill:

"A Reforma não foi uma revolta contra o princípio de unidade e catolicidade, mas contra o privilégio e a mornarquia opressiva de Roma — um surgimento não meramente de sentimento nacional mas católico contra o que se tornara um imperialismo super-centralizado na cristandade, que tornara impossível a catolicidade... A paróquia não era uma congregação mas uma unidade administrativa. O aspecto governamental da unidade não era amparado por um adequado vínculo religioso. A igreja romana substituíra o primitivo conceito de catolicidade expresso numa universal livre comunhão, pela idéia da obediên-

cia a Roma... Na Reforma, o povo cristão foi ensinado a pensar, a crer, e a cantar juntos, e foi-lhe concedida nova visão da elevada e universal comunhão que é a igreja católica." — *Unitive Protestantism*, págs. 63-65.

Uma volta à idéia de uma missão universal promoveu a fundação de sociedades missionárias para disseminar o testemunho cristão às terras distantes. Foi êsse o comêço da era das missões. Mensageiros da cruz logo partiram para muitos países. Seus esforços foram facilitados pelos empreendimentos da Europa ocidental de domínio do comércio mundial. Em alguns sentidos o amparo do governo foi obtido através da negociação de privilégios contratuais e por outras maneiras. Fundamentalmente, o programa foi baseado numa igreja com missões e revestido de roupagem ocidental.

Êste conceito era bem diverso do do empreendimento apostólico. Os discípulos de Cristo saíram para estabelecer uma igreja missionária mundial. A terminação do programa divino no "tempo do fim" será levado a cabo em harmonia com o modelo apostólico. Deve a igreja remanescente estar preparada para dirigir-se a tôdas as nações, a tôdas as raças, a todos homens de tôdas as crenças.

Uma Missão Mundial

Os líderes desta causa e especialmente os que assumem responsabilidades administrativas extensivas precisam manter constantemente perante si e perante a igreja êste conceito de uma missão mundial. Êles compreenderão e ensinarão que nosso propósito não é converter para o protestantismo nem para um ramo especial do cristianismo. Muito mais ampla e abrangente é a nossa missão. Reconhecerão êles que êste é o último movimento divino, que nosso mandato é ensinar a todos os homens "o evangelho eterno" e encaminhá-los para o redil dos remidos. Com isto em vista nós nos preservaremos, em tôdas as partes do mundo, das afiliações e conseqüências nacionais e eclesiásticas, das filosofias regionais de religião, economia, govêrno ou cultura, e permaneceremos firmemente na plataforma da mensagem universal e da organização do mundo.

Cooperaremos, sem dúvida, com todos os homens de boa vontade e bom propósito. Seremos colaboradores conscienciosos. Neste ponto, como em todos os em que nos empenhamos, demonstraremos que temos o garbo da revelação divina e somos portadores da atmosfera da causa divina.

Os administradores que tiverem essa visão mundial da tarefa eliminarão a distinção não ortodoxa que a igreja é algumas vêzes tentada a fazer entre missões "nacionais" e "estrangeiras". O apêlo evangélico e o empreendimento missionário serão um e o mesmo trabalho e progredirão ao mesmo tempo.

Os ensinios de Jesus bem esclarecem êste ponto. Não pôs Êle uma medida de tempo em Sua grande comissão, para os homens serem enviados a terras distantes depois de os na-

cionais terem sido convertidos e a obra aí firmada. Sabia Ele que essa estratégia significaria fracasso nacional e estrangeiro. "Ser-Me-eis testemunhas", disse Ele "tanto em Jerusalém como em tôda a Judéia e em Samaria e nos confins da Terra" (Atos 1:8). Essa foi uma ordem global, com o fito de enviar os discípulos simultaneamente ao outro lado da rua, além das fronteiras e outras praias de mares. O assunto da diferença geográfica era irrelevante. Disse Ele: "O campo é o mundo" (S. Mat. 13:38).

Todos conhecemos administradores de longa visão, grandemente influenciados pelas necessidades das terras distantes, mas que ficaram mais ou menos insensíveis às conversões em terras pátrias. Outros, algumas vêzes, são míopes. Estes são tocados de forte fervor evangélico para com as pessoas que vêem e a quem consideram parte de sua paróquia, mas estão menos interessados em ganhar as pessoas e lhes estão obscurecidas pelo véu da distância e pela ausência do que consideram ser a sua responsabilidade imediata. Ambos estão errados. Na causa do advento, cada crente, cada obreiro, cada igreja, cada instituição e cada campo é responsável pela evangelização local bem como "pelos confins da Terra." Os administradores da causa de Deus precisam considerar como sua paróquia o mundo.

Sincronizamos nossa administração com essa consideração fundamental? Isto é alguma coisa em que cada líder nosso deve pensar. Uma pergunta não pode deixar de ser feita: Como pode relacionar-se as necessidades de terras subdesenvolvidas e áreas não atingidas, como o legítimo desejo de expansão e fortalecimento tanto local como estrangeiro? Se trabalhamos na boa terra da América, sôbre que o Senhor com tanta abundância abriu a Sua mão, o problema será bem sentido, e da solução que lhe dermos aqui dependerá em grande medida o êxito do movimento adventista. Entretanto, a mesma pergunta, em maior ou menor grau, tem que ser respondida em tôda parte do campo mundial. Em tôda Terra, Deus chama homens e mulheres para que evangelizem os seus compatriotas e partilhem os tesouros do evangelho com as pessoas de tôda parte. Sempre há e sempre haverá um campo distante.

Avançando um pouco mais neste conceito de uma administração mundial da graça divina, somos levados a encarar outro problema e achamos para êle a solução divina. Este problema é indicativo da crise surgida no planejamento missionário das igrejas Ocidentais. A propósito, uma revista de grande influência editou recentemente um artigo com o título seguinte: "Acabaram-se os Missionários?" O pensamento do autor era que, desde os tempos primitivos o missionário que enfrenta o cólera, os canibais com bom ânimo e zêlo, tem hoje a confiança minguada e sua tarefa se aproxima do fim. Com êste pensamento está em jôgo todo o futuro do programa missionário.

Isto não pode constituir-se numa crise pa-

ra uma igreja mundial dirigida por administradores que tenham a verdadeira visão de nosso governo da igreja. As variações de circunstâncias no mundo podem abrir-nos portas para associar-nos com obreiros de além-mar ou além-fronteiras. Entretanto, nosso conceito e organização mundiais possibilitam ajustar os procedimentos e a prover as necessidades da causa de fontes mutáveis de homens e de recursos.

Durante muitas dezenas de anos as igrejas da América do Norte assumiram um compromisso muito pesado e, quase sôzinhas, para manter o progresso da igreja. Hoje, êsse pêso está sendo partilhado em graus variados por tôdas as Divisões mundiais. O movimento adventista emprega hoje quase 45.000 obreiros em atividades evangélicas e institucionais. Dêsse total, cêrca de 43.000 são nacionais. De mais de 2.000 obreiros estrangeiros, aproximadamente 60 por cento foram enviados para o seu setor de trabalho pela Divisão Norte-americana. Os restantes saíram das outras Divisões. Efetivamente, no ano passado, dos 392 obreiros enviados para o estrangeiro, aproximadamente 50 por cento saíram das praias da América, e 50% foram enviados de outras Divisões mundiais. A bem dizer cada seção do mundo se tornou agora em base local, bem como um campo de evangelização. É êste um desenvolvimento natural para uma verdadeira igreja mundial.

Esta concepção mundial tem também um aspecto de organização. Cada unidade de nossa igreja propaga-se e governa-se por si, dentro da estrutura da igreja mundial. O todo é responsável por cada parte e cada parte é responsável pelo todo. As unidades mais fracas encontram amparo mediante associação com o todo. As mais fortes fruem inspiração nessa mesma associação. Uma igreja mundial é um corpo com muitos membros. Êsses membros organizam e dirigem os seus trabalhos, edificam a casa de Deus e ampliam o Seu trabalho mediante conselho mútuo através da liderança geral. Sem o pensamento de crise nem de agitação social a liderança é constituída como uma projeção natural dessa concepção mundial. As habilitações para essa liderança não são os dotes especiais de uma raça, de um povo nem de uma escola. No jôgo natural das circunstâncias e da experiência, justamente os homens e as mulheres mais bem-habilitados assumem seus cargos como obreiros e líderes.

Êstes princípios são alicerces sôbre que pode ser erguido o edifício da obra mundial. Devem os nossos administradores reconhecê-los. Reconhecerão êles, também, que a obra de Deus é mais bem consolidada numa seção do mundo por uma plêiade de obreiros cosmopolitas. Onde quer que o ideal possa ser conseguido, congregarão êles obreiros nacionais e estrangeiros. Os dons e capacidades serão assim suficientemente variados para contrabalançar as fraquezas e realçar as qualidades. Além disto, essa associação de homens e mulheres de "tôda nação, e tribo, e língua, e povo" constituirá uma constante rememoração

História e Administração das Divisões

A. F. TARR

Presidente da Divisão Norte-Européia

NO curso de ação levada aos tribunais certa vez contra uma de nossas divisões, o advogado do querelante refutou o direito da divisão de invocar as normas da Associação Geral em apoio de sua atitude. Cada divisão, argumentou êle, era uma organização separada e distinta, não controlada pelas normas da Associação Geral. Corroborou êle o seu argumento mediante a comparação das várias divisões mundiais com os gomos de uma laranja, sendo cada gomo independente na laranja embora formando reunidos uma unidade completa. Nosso advogado, procurando confirmar a autoridade da Associação Geral no ponto em causa, aceitou entusiasticamente a ilustração. "Concordo," disse êle; "os gomos da laranja verdadeiramente representam as várias divisões, mas assim como a casca da laranja une os gomos num todo completo, a Associação Geral liga as divisões entre si, numa grande organização mundial." Êste argumento foi o fator material da vitória num caso do qual muito dependia.

Esta figura usada pelos advogados estabelece suficientemente a relação entre a organização da Associação Geral e suas Divisões — Divisões que são uma parte integral da Associação Geral, sustidas e unidas entre si por sua constituição, conselho e regulamentos.

Logo no início de nossa obra, até 1913, as divisões, como as conhecemos agora, não eram incorporadas ao sistema de organização da Associação Geral. As uniões então existentes, bem como certas destacadas missões, estavam diretamente sob a supervisão da Associação Geral. Ao intensificar-se, entretanto, a penetração da mensagem do advento em terras distantes, com o conseqüente surgimento de igrejas e a organização de novas associações, missões e uniões, tornou-se cada vez mais difícil para a Associação Geral administrar de maneira eficaz tal sistema complexo e em expansão, do ponto central. Dadas as grandes distâncias a serem cobertas, e o número limitado que a Associação Geral podia enviar, o contato pessoal com os campos estrangeiros foi-se tornando cada vez menos freqüente e

mais incerto, de maneira a poder-se fazer justiça tanto às necessidades do campo como a ter-se mais íntima familiaridade que a Associação Geral necessitava ter com áreas sob sua pormenorizada administração.

Em conseqüência desta necessidade de administrar mais eficientemente uma obra em expansão, na sessão da Associação Geral em Takoma Park, em Washington, em 1913, o grande sistema de "divisões" veio à existência. Uniões e campos destacados em vários continentes ou áreas geográficas, mediante provisão da Constituição da Associação Geral, foram agrupadas, não como organizações de governo próprio, mas como divisões da Associação Geral.

História da Organização da Divisão da Associação Geral

Na realidade, esta não era a primeira vez que algum dos aspectos elementares de divisões tinham sido cogitados. Nos primórdios de 1903 a Associação Geral, em Oakland, Califórnia, criou, como remédio parcial para os crescentes problemas administrativos, um vice-presidente para a Europa e para a América do Norte. Ambos tinham autorização para se reunir com os presidentes de suas respectivas uniões e agir como comissão de supervisão. Em 1909 foi criada a Divisão Asiática, mas esta, como as outras, não tinha base constitucional. A Associação Geral também em 1907, em sua sessão bienal em Gland, na Suíça, e posteriormente em 1911, em Friedensau, na Alemanha, estudou a mesma necessidade, mas nenhuma organização oportuna foi contudo criada.

Em 1912, entretanto, os que tinham o encargo de uniões-associações, e uniões-missões, na Europa, prepararam um memorial que foi levado à presença do Concílio Outonal da Associação Geral nesse ano. Falava o memorial de dificuldades administrativas que o presente sistema de organização enfrentava. Essas dificuldades, afirmava o memorial, "não eram tão agudamente sentidas" na América do Norte, onde a Associação Geral podia "tratar diretamente com as associações e uniões locais. Havendo sido o problema mais tarde considerado, previu-se que condições idênticas poderiam logo surgir em outras partes do campo mundial. "As necessidades da Europa hoje," frizava o memorial, "serão as necessidades da América do Sul, da Ásia e de outras partes do mundo de amanhã. Poderá ser apenas uma questão de tempo até que o mundo, como tal, tenha que ser inteiramente compreendido nesta organização divisional."

O Concílio Outonal de 1912 considerou fa-

de que o nosso movimento abrange o mundo todo. Os observadores continuarão a maravilhar-se à medida que a causa de Deus avança triunfantemente até aos quatro cantos da Terra.

São êstes alguns dos elementos básicos da administração a que os líderes da causa de Deus se comprometem e dedicam. Consideremo-los e decidamos com a graça de Deus, ser administradores em conformidade com o modelo divino.

voravelmente o memorial e recomendou que fôsse transferido para a sessão da Associação Geral a ter lugar no ano seguinte. Nesta sessão foram tomadas as seguintes deliberações:

"1. Que em resposta ao memorial submetido pelos irmãos europeus ao Concílio Outonal de 1912, adotamos o plano geral da organização de importantes territórios e grupos de uniões em divisões da Associação Geral, e que esta forma de organização divisional seja efetuada nos vários campos na medida em que as condições da obra o requeiram.

"2. Que a representação numérica básica das divisões-associações e divisões-missões seja o solicitado pela Constituição da Associação Geral.

"3. Que os fundos gerais para missões da divisão seja relatado trimestralmente ao tesoureiro da Associação Geral, e sejam incluídos no balanço financeiro da Associação Geral.

"4. Que se dêem nesta conferência os passos no sentido da organização da Divisão Européia, com uma constituição em harmonia com as provisões da Constituição da Associação Geral."

Esta resolução, por estranha coincidência, foi apresentada à Associação Geral a 21 de maio, exatamente cinqüenta anos após haver a própria Associação Geral ter sido organizada em 1863. Foi no dia seguinte que a decisão foi tomada e adotada a Constituição governativa e os regulamentos. Nessa mesma sessão da Associação Geral foi organizada a Divisão Norte-Americana e a Divisão Asiática. Foi autorizada também a organização da Divisão Sul-Americana "em tempo e lugar que lhe (à Comissão da Associação Geral) parecesse aconselhável."

Há presentemente treze divisões. As datas de suas respectivas organizações, como constituídas no presente, são:

Divisão Norte-Americana	1913
" Sul-Americana	1916
" Sul-Asiática	1919
" do Extremo Oriente	1919
" Sul-Africana	1920
" U. S. S. R.	1920
" Australasiana	1922
" Interamericana	1922
" Norte-Européia	1928
" Sul-Européia	1928
" Central-Européia	1928
" Chinesa	1931
" Oriente Médio	1951

Administração das Divisões

A administração das divisões tem sido grandemente padronizada segundo o modelo da Associação Geral. Seus oficiais compreendem: um presidente, um secretário e um tesoureiro. O presidente é também um dos vice-presidentes da Associação Geral, sendo responsável, juntamente com seus oficiais associados, pela administração da obra na divisão que preside. Esses oficiais, juntamente com os secretários departamentais da divisão, os se-

cretários e o secretário da Associação Ministerial, são eleitos pela Associação Geral em sessão. São eles membros tanto da divisão como da Associação Geral, bem como os presidentes de uniões em cada território. Outras pessoas, incluindo-se chefes de instituições divisionais, podem ser eleitos membros da Comissão da divisão, mas tais membros não passam por isto a pertencer à Comissão da Associação Geral.

A Comissão de cada divisão constitui a autoridade administrativa da Associação Geral para o território dessa divisão, provendo a Constituição e os regulamentos da Associação Geral que "ações tomadas pelas comissões das divisões pertinentes à administração de negócios nos campos das divisões serão considerados finais, admitidos que estejam em harmonia com os planos e estatutos da Associação Geral, como se encontram na Constituição e regulamentos, e nas ações de sua Comissão Executiva por ocasião de Concílios Outonais regulares." (General Conference By-Laws, Art. XI, sec. 3.)

Pertence à responsabilidade das divisões representar a Associação Geral amplamente e promover todos os seus alvos e objetivos no território de sua administração. Devem representar anualmente perante a Associação Geral as necessidades de suas várias organizações, e receber da Associação Geral verbas para distribuição dentro do seu território. O chamado para missionários e outros obreiros dentro do seu território é também da responsabilidade das várias divisões, e tais chamados, juntamente com a liberação de tais obreiros, devem ser tratados com a Associação Geral através da Comissão de cada divisão.

Nessas questões e em muitas outras, a Comissão da divisão, estando muito mais próxima de seus problemas que poderiam possivelmente estar os escritórios da Associação Geral, constituem hoje um laço de união muito importante na administração de nossa obra mundial. Eles estão aptos a se manterem constantemente alerta quanto às condições prevaletentes em seus vários territórios. Estão em posição de observar as necessidades de auxílio — auxílio espiritual, econômico e administrativo. Podem manter um justo equilíbrio entre os seus respectivos campos, oferecendo auxílio especial onde esse auxílio parece ser mais necessário, e progredindo em tôdas as frentes tão uniformemente quanto seja consistentemente possível.

Com um corpo de experientes obreiros, departamentais e executivos, podem distribuir auxílio em breve prazo a sessões de uniões e locais, a reuniões do campo, comissões, institutos e convenções, e a instituições médicas e educacionais. No caso de reuniões de importância das comissões de uniões e mesas educacionais, no país ou em áreas missionárias, a representação da divisão se faz presente sempre que possível. Por intermédio de tais representações, tanto a divisão como as comissões das assembleias reunidas são grandemente beneficiadas: as comissões pelos con-

selhos de homens familiarizados com problemas correntes e semelhantes em outros campos, e a divisão pela compreensão mais ampla das tarefas à mão, e das necessidades correntes e não raro crescentes com respeito ao pessoal, às finanças e outros aspectos vitais por programa da união.

Administração Divisional das Uniões

O maior número de divisões compreende certa soma de uniões. Cada união, por sua vez, e algumas vezes cada associação local ou missão dentro da união, representará certo número de países, nacionalidades e línguas. Representantes dessas diferentes nacionalidades se encontram em concílios bienais da divisão, em institutos e convenções departamentais, em sessões locais ou de uniões, ou ainda em mesas de instituições, e em suas várias comissões. Anualmente eles distribuem suas limitadas dotações orçamentárias e sacrificados planos para enfrentar outras especiais necessidades. Sobre a divisão recai a grande tarefa de partilhar as responsabilidades no sentido de unir essas inúmeras nacionalidades num maravilhoso companheirismo internacional que muitas vezes é mais íntimo e mais perdurável que os laços de família.

Cada divisão é responsável pelo estabelecimento e administração de um fundo para o cuidado de seus obreiros enfermos e idosos, fundo não provido de outra forma. Este fundo deve ser administrado em harmonia com os princípios estatuidos no Plano de Sustentamento da Associação Geral. A aplicação desse fundo deve ser feita pela comissão da divisão segundo o seu arbítrio.

O aval da divisão deve ser outorgado para a organização dentro de seu território de qualquer nova associação ou missão e para quaisquer ajustamentos territoriais em associações locais ou missões existentes. Quando se decide organizar alguma nova união-associação, ou união-missão, ou ajustar o território de uniões existentes, deve-se buscar primeiro o aval da Associação Geral. Tal administração assim em cooperação preserva a unidade.

A comissão da divisão usualmente ao tempo de seus concílios bienais elege o presidente, o secretário-tesoureiro e o auditor das uniões-missões. No caso de sessões de uniões-associações, o presidente da divisão funciona como presidente da comissão especial indicada para escolher as comissões habituais, servindo também normalmente como presidente da comissão de nomeações. É seu dever em todo o tempo apresentar-se como conselheiro para com os oficiais de uniões e missões destacadas, bem como para com os que ocupam cargos de departamentos da divisão ou instituições.

Íntimamente associado com o presidente em todas as suas tarefas estão os seus oficiais, o secretário e o tesoureiro, e em alguns casos seus assistentes. É dever desses oficiais promover a obra de acordo com os planos e processos adotados pela comissão da divisão. O

tesoureiro é considerado responsável pela manutenção em dia do sistema de contabilidade da divisão, de maneira que as anotações financeiras refletindo adequadamente as atividades das respectivas organizações possam ser apresentadas mensalmente ao presidente e a outros que as queiram.

No caso de divisões estrangeiras beneficiárias do excesso da Oferta do Décimo Terceiro Sábado, é a comissão da divisão — operando em primeiro lugar por intermédio de seus oficiais e o secretário do departamento da escola sabatina da divisão — que toma a responsabilidade de preparar e apresentar ao campo mundial material oportuno e inspirador sobre o seu território, e especialmente sobre os projetos escolhidos para serem beneficiados. É também privilégio da divisão em todo o tempo providenciar para que o progresso da obra em seu território seja relatado à Associação Geral e ao campo mundial, bem como a seus próprios membros. É especialmente vantajoso que os campos locais, dentro do território da divisão e além, sejam mantidos informados do progresso que encorajará seus generosos e não obstante inquiridores ofertantes das missões.

A divisão deve estar constantemente alerta sobre possíveis perigos sob condições rapidamente mutáveis, dando inteligente e oportuno conselho para enfrentar esses perigos. Deve ela guiar sãbiamente e não impertinentemente suas uniões na formulação e aceitação de medidas para um curso de ação que pode, do ponto de vista de uniões de situação melhor localizadas, não ser discernido como sendo para o seu próprio interesse individual, mas que de um ponto de vista mais amplo pode ser visto afinal como benéfico para ambos e para a obra em geral.

A divisão deve, em todo o tempo, inspirar todos os seus líderes e obreiros em todo o seu campo para um sincero apoio de todo o objetivo denominacional, tanto no que respeita à vida cristã como no mais agressivo programa evangelístico em todos os seus aspectos.

Responsabilidades Espirituais da Liderança na Divisão

Transcendendo a todo e qualquer dever e relação está a responsabilidade espiritual que a liderança de cada divisão deve sentir pelos milhões ainda não advertidos dentro do seu território, e pelos muitos milhares de membros que olham por conselho e guia e por bom exemplo dos que servem em tão grande porção da vinha do Mestre. Do líder espiritual divinamente indicado no antigo Israel foi dito: "Arão levará os nomes dos filhos de Israel... sobre o seu coração... para memória diante do Senhor continuamente." Embora Arão ministrasse em favor de tão grande multidão, sua devoção devia ser constante e de coração no interesse de cada indivíduo entre o povo a que servia.

Hoje os que levam responsabilidades nas organizações da divisão são também servos de muitas pessoas. Seu serviço, também, deve

ser prestado com abundante amor por aqueles a quem servem. Nenhum exercício de responsabilidade oficial, não importa quão eficientemente possa ser desempenhado, pode tomar o lugar desta vital relação no trato as almas dos homens. Interêsse pessoal, estima própria e desconsideração por iguais direitos de outros precisam, acima de tudo o mais, ser evitados. A influência do ato mais trivial, não raro passado por alto em outros, podem ser sobremodo amplificados nos líderes da divisão, produzindo incalculável prejuízo ao rebanho.

A determinação tantas vezes expressa por nossos primeiros pioneiros, "gastar-se e se deixar gastar no serviço do mestre," precisa encontrar realidade prática na liderança que prestamos hoje. Tal determinação num líder de divisão será multiplicado mil vezes ao invadir os canais denominacionais: da divisão para as uniões, das uniões para as associações locais, das associações para as igrejas, e das igrejas para os corações de muitos milhares de membros expectantes e respondentes.

A fim de que esta experiência possa ser desfrutada por cada obreiro em cada divisão, citamos a afirmação de Frederico Lee em *Review and Herald*, de 22 de dezembro de 1955: "Não é tanto por grande força física ou habilidade escolástica ou vantagens materiais que devemos orar. É antes isto: 'Senhor, faz de nós homens cujo espírito não esmoreça quando o prosseguir é difícil, que continuarão a avançar quando o sucesso parece impossível, que não sacrificarão nenhum princípio por lucro momentâneo, que não permitirão que qualquer atração marginal os desvie do caminho do dever; homens que inspirem os que não possuem inspiração, que renovem a confiança no desiludido, e pelo poder de uma vida piedosa ganhem almas para Cristo.'"

Divisões dirigidas por homens tais estarão poderosamente à altura das expectativas de Deus e do homem na suprema tarefa que está diante de nós, qual seja a de preparar o povo para a gloriosa breve volta de nosso Senhor.

PASTOR - Pastoreio do Rebanho



Reuniões Pastorais de Obreiros

ELLEN CURRAN

Instrutora Bíblica da Associação Sul da Califórnia

MUITO tenho apreciado através dos anos o privilégio de trabalhar com ministros que criam em reuniões pastorais de obreiros. Tenho observado os benefícios e o prazer de tais programas, e às vezes tenho sentido a falta de eficiência na obra em virtude da ausência de tais reuniões. Reuniões pastorais regulares de obreiros sempre ajudam a promover forte obra de equipe.

Tenho ouvido algumas vezes instrutores dizer: "Gostaria que meu pastor promovesse reuniões de obreiros. Tenho trabalhado sempre e sempre só. A greja nem mesmo fica sabendo de minha presença." Ou: "Sinto como se não pertencesse ao grupo!" Tenho ouvido obreiros bíblicos fazerem semelhantes declarações.

Por outro lado, tenho ouvido ministros dizerem: "Gostaria que minha obreira bíblica me fizesse saber o que está fazendo. Ela trabalha simplesmente por conta própria. Nunca sei com quem ela está estudando." Algumas coisa está errada na relação entre tais obreiros.

Numa série de conferências uma obreira bíblica estava trabalhando muito fielmente, muito embora jamais tivesse sido publicamente apresentada. Uma tarde, transbordante de gozo ela levou dois casais ao pastor e os apresentou. Falou-lhe de como eles haviam apreciado as conferências e haviam tomado posição ao lado de Cristo. Eram eles pessoas distintas. A verdade da questão era que a obreira bíblica havia dedicado estrênuo trabalho pessoal e oração a eles. Mas que fez o pastor? Disse à sua obreira algumas palavras de reconhecimento na presença dessas pessoas? Não, ele não o fez. Deixou-a em pé de lado, completamente ignorada, e excitadamente marcou encontro com eles para estudos bíblicos. Mais tarde a instrutora bíblica disse ao ministro: "O senhor não deseja que eu continue com essas famílias?"

"Oh, não," disse ele, "isso é um trabalho para homens. Eu tomarei cuidado deles pessoalmente." Mas o cuidado já tinha sido tomado.

A instrutora bíblica tinha-os ajudado em

todo o percurso da fé, e tinha-os levado ao pastor para que êle pudesse conhecer os felizes resultados de suas conferências. Mas ela tinha praticamente ficado desprestigiada com essas pessoas, por causa da incúria dêsse pastor. Certamente isto não era um trabalho de equipe.

Pode haver também o outro lado. Pode ser que o pastor não possa confiar à obreira bíblica maior soma de trabalho porque ela não está centralizando a sua obra em tórno do pastor. Êle é a pessoa que ela devia prestigiar, e devia encorajar o povo a amar e respeitar. Jamais devia ela amarrar o povo a si mesma. Nem devia falar de sua obra como alguma coisa separada dos interesses do pastor. Ela está trabalhando sob a forte influência do pastor, e em todo o seu trato com o povo ela devia manter esta devotada atitude em relação ao seu pastor ou evangelista. Êste princípio, com efeito, aplica-se a outros obreiros associados ao *team*, e concorrerá para aumentar o seu próprio sucesso entre o povo.

É um plano bem aprovado, que a instrutora bíblica, bem como o pastor, estejam bem familiarizados com cada candidato ao batismo. É muito difícil para uma obreira bíblica ajudar os conversos depois que êles foram batizados, se o ministro não a ligou com essas pessoas antes de haverem-se batizado. Ela pode também ajudar mais eficientemente por ocasião do batismo se conhece todos os candidatos.

Auxílio do Conhecimento Mútuo

Entretanto é mesmo mais importante para a instrutora bíblica tornar conhecidos os seus doutrinados e novos amigos ao pastor tão logo quanto possível. Eu desejo que meus novos contatos sejam logo apresentados ao pastor, para que o apreciem pessoalmente e desfrutem seus sermões. Isto os ajudará vir regularmente ouvi-lo pregar. Tal convivência ligá-los-á ao pastor, e êle poderá ajudá-los de muitas maneiras.

Vários pastôres com quem tenho trabalhado têm-me dito que nunca hesitam em interromper sua conversação com membros da igreja, se há algum estranho a ser-lhe apresentado. Não é isto cooperação? Eu tenho mais de uma vez convidado meu pastor e sua esposa para jantar em minha casa, apenas para pô-los em contato com bons interessados em perspectiva, e êles têm vindo, algumas vezes com prejuízo de seus próprios planos. Isto é trabalhar juntos.

A instrutora bíblica não necessita de relatar batismos quando trabalha em equipe com o seu pastor. Ela verá que grangeia o reconhecimento próprio para o seu trabalho. Isto de novo se aplica a todos os obreiros associados.

Para relações de sucesso o ministro e seus colaboradores necessitam de familiarizar-se uns com os outros para perfeita compreensão. Certamente que uma reunião regular do grupo cada semana ajudará em grande medida a se conseguir êsse feliz resultado. Agendas

para essas reuniões diferem de semana a semana, de acôrdo com necessidades correntes, mas em geral uma agenda começa com uma breve leitura da Bíblia ou do Espírito de Profecia, a fim de harmonizar os corações, e uma breve oração por guia. A sessão de oração pode ter lugar no final da reunião, depois que as necessidades tenham sido apresentadas.

Todos têm seu caderno de apontamentos semanais aberto com indicação de datas e informações importantes, bem como apontamentos pessoais. O pastor então abre a seção com novos itens acêrca da obra e da igreja em geral, e qualquer anúncio que deva ser feito. Em outras palavras, êle nos põe ao corrente das coisas, digamos assim. Isto é apreciado pelos vários obreiros, e cria companheirismo e unidade. O pastor, de fato, tem planos definidos em mente, e porque os apresenta em reuniões do grupo e pede opiniões, raramente tem dificuldade de fazer passar suas idéias na aprovação do resto do grupo. É da máxima importância que todos saibam a respeito dos planos, que sejam entusiastas em relação a êles, e capazes de responder a perguntas quando necessário.

Nesta ocasião os vários obreiros podem expressar suas observações, boas ou más, com respeito às últimas reuniões dos sábados ou à obra, em geral. Durante uma série evangelística há tanto sôbre que falar. Como é agradável ao pastor e a todos os obreiros ouvir relatos favoráveis.

Relatório Individual do Obreiro

A seguir cada obreiro por sua vez é convidado a relatar como as coisas estão indo em seu departamento. (Os pormenores da atividade de cada membro do grupo são discutidos privadamente com cada um, de maneira que não se consuma demasiado tempo na reunião em geral do grupo.) O ministro da juventude em nossa igreja é geralmente o primeiro na lista. Êle expressa seu gôzo e tristeza na obra pelos jovens. Cada um, na verdade, partilha êste fardo com êle, e planos são discutidos. Pedem-se orações especiais. Anotamos em nosso caderno as datas para reuniões com jovens e juvenis, bem como os oradores, e assim podemos prestar ajuda direta a pessoas nessas reuniões.

Se há um pastor associado êle apresenta o fardo e as necessidades das pessoas sôbre o seu coração. Ao instrutor bíblico é permitido expor brevemente como se estão desenvolvendo os novos interessados, pedindo-se orações pelos que têm problemas especiais.

O secretário da igreja tem uma mancha de anotações a apresentar. Há numerosos pedidos a mencionar, como para enfermos, pobres e necessitados. O pastor faz anotações em seu livro de itens que necessite apresentar à Comissão da igreja, e os outros nomes e problemas são destinados a diferentes obreiros. Eu tenho apreciado sempre o meu pastor deixar-me livre para fazer obra bíblica antes que obra de igreja.

Durante a Recolta ninguém se considera demasiado ocupado para participar da campanha. Além de fazer algumas solicitações, cada um despende horas ao telefone convidando o nosso grande número de membros a completar a lista, falando com êles amigavelmente e lembrando-lhes com tato que nós contamos com êles. Revezamos neste tipo de trabalho e a resposta é compensadora.

Algumas vêzes o pastor anuncia uma surpresa. Seja levar o grupo a um convescote ou a uma ceia, é desnecessário dizer que isto ajuda grandemente no companheirismo do grupo.

Problemas que Surgem e Sua Solução

É fácil dirigir reuniões pastorais de grupo evangelístico? Há problemas a enfrentar? Sim, muitos.

Problema N^o. 1. Obstrução dos trabalhos — inocente ou não. Manter as observações exatamente nos limites do assunto não é fácil tarefa para o pastor. Num momento alguém no grupo pode desviar um pouco o assunto, outros o acompanham, e eis uma desnecessária discussão. Pode tratar-se um problema favorito de TV, automóveis ou finanças.

A instrutora bíblica pode divagar demasiado sobre os problemas do pobre seu José, ou de qualquer outro de seus discípulos. Isto pode consumir valioso tempo. O relógio na parede está indicando os minutos que se vão. O eficiente e amigável pastor, entretanto, está alerta. Não o podeis desviá-lo. Ele é alérgico a perda de tempo numa reunião de obreiros, e põe as coisas no seu lugar. Ele pode temporizar com um compreensivo sorriso algum tempo, mas logo olha para o relógio e para a sua agenda, e convida a todos a que se voltem para o assunto em pauta. Assim ele consegue cobrir sua agenda no tempo específico.

Problema N^o. 2. Qual é o tempo ideal para se ter reuniões do *team*? Há muitas interrupções inesperadas. Há doentes, enterros, noivados, reuniões da Comissão do campo, campanhas especiais, etc.

Planejando a Reunião do *Team*

O último problema que mencionarei é algo sério. Trata-se do tempo despendido pelo pastor no planejamento da reunião do grupo. Toma algum tempo precioso do pastor preparar a agenda, mas isto é básico para uma reunião bem sucedida e proveitosa do grupo. Um de nossos bons pastores gasta a manhã de segunda-feira para a reunião da tarde com o grupo. Certamente paga a pena gastar o pastor êste tempo sozinho fazendo planos bem cuidados. Se se não toma tempo para planejamento prévio, qual o resultado? Êles trabalham freneticamente procurando manter-

se a passo com os numerosos encargos, sempre se sentindo demasiado ocupados e sobrecarregados. No entanto em todo o tempo poderão partilhar muito do pêso com o resto dos membros do grupo, mediante designar a cada uma certas tarefas, assim ganhando tempo.

Quando de início encontrei um de meus bons pastores alguns anos passados, verifiquei ser êle um desses homens extremamente ocupado. Fatigou-me fazendo-me ouvir quão ocupado, quão tenso e sobrecarregado era êle. Tomou grande parte do seu tempo para dizer-me isto. Um dia eu disse de maneira amigável: "Pastor Blank, todos nós, os seus obreiros, não somos bons como devíamos!" Êle olhou-me surpreso. Eu continuei: "Nós não o estamos ajudando muito. Estamos deixando o senhor com demasiado trabalho sozinho." E acrescentei: "Gostariamos de ajudá-lo mais."

"Bem," disse êle, "o que vocês gostariam de fazer por mim?" Algumas sugestões foram feitas e as coisas mudaram. O trabalho em equipe se desenvolveu. Êle passou a nos confiar mais e mais tarefas na conquista de almas. Isto lhe deixou tempo para outros importantes trabalhos.

Nós, assistentes dos pastores, gostamos de sentir que estamos ajudando os pastores a levar seu pesado fardo, e que êle está na realidade dependendo de nós para certas responsabilidades. Não podemos deixá-lo sobrecarregado. Sim, pastores e evangelistas, tomar tempo para organizar reuniões de *team* evangelístico paga bem a pena.

As reuniões pastorais de grupo evangelístico provêm maravilhosa oportunidade para que jovens obreiros observem um trabalho pastoral de sucesso. É inspirador ver como êle se relaciona com problemas grandes e pequenos, e como corajosamente êle busca de Deus auxílio para solver êsses problemas. A observação de como êle aplica princípios cristãos em todo o seu trato com outros faz profunda impressão. Ouvir o pastor orar por cada um de seus obreiros pelo nome dá nova coragem e devoção para a tarefa. Tal método resulta em criar confiança na liderança do pastor e no desenvolvimento de um *team* forte e leal. Cada obreiro sente que é uma importante parte da organização e deve sustentar o objetivo final da obra. Todos participam do trabalho e todos participam do sucesso. O pastor sábio prevê isto!

Sou uma firme crente nas reuniões pastorais e no trabalho de equipe. Através dos anos minha experiência na obra de Deus tem sido enriquecida e minha visão tem-se expandido pela inspiração ganha em reuniões do grupo e em conselho pessoal de ministros piedosos. Efetivamente, eu sentiria grandemente a falta dessas reuniões em minha obra bíblica. Aqui está um lugar onde o companheirismo em oração opera milagres.



O Evangelismo na Idade Atômica

WALTER SCHUBERT

Secretário Associado da Associação Ministerial da
Associação Geral

ESTA era atômica é chamada por alguns escritores sobre as condições mundiais de Era Apocalíptica. Para o estudante das profecias esta era é o iminente "tempo do fim," que será terminado pela intervenção da segunda vinda de Cristo. Para a última igreja de origem profética este tempo solene é um convite para decidido renascimento do evangelismo. Isto terá lugar quando a verdade salvadora e santificadora tomar posse de todo verdadeiro discípulo. O coração humano no qual o Espírito Santo habita não pode conservar a verdade salvadora só para si. Ele espalhará as boas-novas, ganhando almas para Cristo.

A infalível missão profética para a igreja está em Apocalipse 14:6 e 7: "E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a Terra, e a toda a nação, e tribo, e língua, e povo, dizendo com grande voz: Temei a Deus, e dai-Lhe glória; porque vinda é a hora do Seu juízo. E adorai Aquêle que fez o céu, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas."

"A igreja é o instrumento apontado por Deus para a salvação dos homens. Foi organizada para serviço, e sua missão é levar o evangelho ao mundo." — *Atos dos Apóstolos*, pág. 9.

As grandes forças latentes do poder humano em nossas igrejas, sob a hábil liderança de nossos pastores e líderes distritais, podem utilizar, unificar e coordenar todas as atividades num todo unido. Isto precisa ser feito com paciência e perseverança. Então todos os diversos setores de atividades missionárias serão preparados para um poderoso ataque frontal contra as forças do mal. Haverá uma fervente determinação de libertar os cativos de Satanás trazendo-os para o reino de Deus.

Apenas poucos ministros agora creem que sua posição os exclui da responsabilidade na salvação de almas. Entretanto, alguns ainda consideram que sua única responsabilidade é pastorear o rebanho. Mas que o pastoreio do rebanho inclui? Antes de mais nada inclui liderar a igreja no trabalho missionário e nos esforços para a salvação de almas, alimentá-

lo com a Palavra de Deus, e cuidar que suas pastagens estejam sempre junto "às águas tranqüilas" da segurança em Cristo.

Criando Igrejas que Ganham Almas

Em *Obreiros Evangélicos*, pág. 31, lemos: "Ganhar almas para o reino de Deus deve ser sua [do ministro] primeira preocupação." Na página 197 declara-se que o ministro deve ser um superintendente em atividades de salvação de almas. E na página 198: "A igreja que trabalha é igreja que progride. Os membros encontram estímulo e tônico em ajudar a outros." Esta atitude em relação à obra dos ministros resolveria muitos problemas que minam a estabilidade da igreja. O pastor ou dirigente distrital pode não ter a habilidade para atrair um grande auditório numa série de conferências, mas ele certamente deve e precisa ser um perito caçador de almas, uma a uma, nas vizinhanças de sua igreja. Se não faz isto, está traíndo seu ofício, e dando um mau exemplo aos membros de sua igreja. Um pastor ganhador de almas raramente tem dificuldade em converter seu rebanho em ganhadores de almas. A obra do pastor requer primeiro, terno e cuidadoso amor de um pastor; segunda, a enérgica liderança de um superintendente; e terceiro, a habilidade do caçador atilado, que vigia a presa na vastidão do deserto.

Em *Atos dos Apóstolos*, na página 371, há uma maravilhosa afirmação e sincero ardor de um pastor: "O coração do verdadeiro ministro está cheio do intenso desejo de salvar almas. . . . Ele vela pelas almas como quem deve dar conta delas."

Há igrejas hoje que tem sua luz extinta. Não permitem que ela brilhe pelo Mestre. Como resultado os membros tropeçam nas trevas, ferindo-se e tornando-se enfermos com ansiedade. Mais que isto, eles tornam escuro o caminho para os que estão procurando luz. Assim o número de membros decresce, e como resultado os que são deixados em trevas começam a morrer. Um desconhecido autor alemão falou de uma igreja agonizante desta maneira:

Os Funerais de uma Igreja

A igreja que nada faz para o público está a caminho do cemitério.

Os que estão tão ocupados com seus próprios afazeres e não encontram tempo para Deus, estão tecendo uma triste coroa.

Os membros que nada fazem estão agindo como condutores de pálio.

O irmão que nunca diz nada está empurrando o carro fúnebre.

Os que sempre tornam atrás, quando deviam prosseguir, estão espalhando flôres sobre a sepultura.

O irmão que sempre vê dificuldades na igreja está fazendo a oração fúnebre!

Assim a igreja jaz sepultada, libertada de todos os cuidados.

Que papel desempenhais?

Vigoroso evangelismo pastoral em tôdas as nossas igrejas, com a cooperação de todos os membros segundo suas habilidades, deve ser introduzido imediatamente. Ele promoverá um renascimento do evangelismo bem como um reavivamento espiritual.

“É trabalhando para disseminar as boas-novas de salvação que somos levados perto do Salvador.” — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 83.

Reuniões evangelísticas pastorais locais devem ser aumentadas com maiores campanhas nas cidades maiores. Deus tem dado a alguns homens o dom especial de prender grandes auditórios. Cada evangelista de talento deve ser auxiliado por um *team* de não menos que sete colaboradores. Isto está em harmonia com a instrução do Espírito de Profecia. É necessário também um bom elemento encarregado de relações públicas, alguém que entenda das particularidades da propaganda sadia e impelente. Repetimos com ênfase que o evangelismo deve ser a tarefa por excelência da igreja que crê na segunda vinda de Cristo. Nosso principal objetivo é pregar a verdade salvadora a cada país, cidade, vila e povoado em cumprimento da profecia de Apocalipse 18:1.

A Tendência Corrente na Igreja Adventista sobre Evangelismo

É o evangelismo apenas uma atividade ocasional? Em muitos campos a atividade evangelística, com poucas exceções, é promovido esporadicamente e apenas em poucas localidades. Talvez inconscientemente, parece ser considerado apenas uma atividade ocasional da igreja.

É o evangelismo considerado imperativo? Duvidamos que os evangelistas hoje gozem tão alto conceito em nossas fileiras como em algumas outras denominações. Por exemplo, algum tempo atrás ouvi vários ministros discutindo sobre certo obreiro que ocasionalmente passara perto. O sentido da conversação era isto: “Ele não progrediu em atividade pastoral ou administrativa, de maneira que ainda está no evangelismo. Eu o lamento.” Não é isto uma trágica situação?

Na mente de alguns a palavra “evangelis-

ta” parece ter o sentido de alguém de personalidade excitável, temperamental, efervescente. Outros imediatamente pensam em um homem impressionista, — alguém que pela força de sua personalidade dominante cria uma atmosfera emocional para convencer os homens de sua mercadoria. Outros ainda classificam um evangelista como alguém a quem falte estabilidade e equilíbrio intelectual. Tal maneira de pensar concebe o evangelista meramente como alguém que possui acidentalmente o dom de pregar e sustentar uma torrente de palavras. Além disto, há o pensamento de que muitas pessoas, sob a influência de tal evangelista, vem para a igreja com uma alta soma de emoção, e que quando a forte personalidade do evangelista é retirada, esses membros logo deixarão a igreja desencorajados.

Evangelismo Mecanizado

Há a tendência de mecanizar nossas várias atividades de salvação de almas assim como a mecanização que encontramos na indústria. Perguntamo-nos se não estamos absorvendo o espírito dos tempos em automatismo. Há a inclinação de se fazer a obra de salvação de almas em nosso gabinete, numa saleta aquecida no inverno, e refrigerada no verão. Mas sejamos conseqüentes e vejamos quantos dos resultados relatados por nossas conferências evangelísticas se materializam através do telefone ou da mala postal. Há alguma coisa que se possa chamar evangelismo de gabinete? A salvação de almas sempre necessitou e necessitará sempre do toque pessoal de homens e mulheres cujo coração esteja inundado do amor de Deus. Enfaticamente, não há substituto para o trabalho pessoal!

As vêzes ficamos a nos perguntar se nossa relutância em nos lançarmos ao evangelismo público não se deve ao temor de que possamos ser subestimados aos olhos das associações ministeriais de outras denominações. Não queremos que os ministros não adventistas pensem que somos proselitistas? Mas e os milhares que não pertencem a nenhuma igreja afinal? Esses ministros não nos acusarão falsamente se nossa aproximação evangelística é feita corretamente. É a tática como a usada pelos *Shepherd's Rod* que eles condenam. A solene importância de nossa mensagem deve sempre nos impelir para a frente no evangelismo. “Levantai-vos, homens de Deus!”

H. W. Klaser, de nosso Departamento de Estatística, ajudou-me na obtenção de alguns dados estatísticos da Divisão Norte-Americana. Esses dados revelam com efeito a tendência de nossas atividades salvadoras de almas.

Em 1º de janeiro de 1956, a Divisão Norte-Americana começou com 293.448 membros. Durante o ano 17.742 foram acrescentados por batismo e profissão de fé. Entretanto, depois que todos os dados foram compilados, incluindo-se mortes e apostasias, o número de membros foi de 299.984 — um lucro líquido de apenas 6.536 membros. Este ganho foi o resultado dos esforços combinados de aproxima-

damente 15.000 obreiros, representando os diversos setores de nossa obra na Divisão Norte-Americana, inclusive a Voz da Profecia, *Faith for Today*, evangelismo público, atividades missionárias, obra médica, obra educacional, etc. Uma União — e pode haver uma razão justificável para isto — apresentou o decréscimo de 21 membros no fim do seu período de doze meses. Nosso problema, é evidente por esse quadro, mostra que há tantos membros que a igreja perde quantos os que ganha. Não há dúvida que a maior porcentagem desta perda foi por apostasia. Estamos realmente pastoreando nosso rebanho?

Nosso campo mundial olha para a Divisão Norte-Americana em busca de guia e inspiração. A luz dessas estatísticas, não devíamos fazer uma inteligente reavaliação de toda a tendência de nossas atividades da igreja? Fariamos bem em voltarmos humildemente ao sadio conselho da Bíblia e do Espírito de Profecia: pregar o evangelho a todo o mundo pela viva voz do ministério, adicionando a isto maior impacto mesmo mediante a atividade missionário de nossos consagrados membros.

Temos estado retardando a vinda de Cristo por essa atitude estacionária que era formalmente desconhecida no adventismo? Não é alto tempo para pôr fim a isto e inverter a tendência que indica redução de nosso trabalho evangelístico? Esta tarefa não se centraliza em qualquer departamento particular da Associação Geral, pois todos os ministros são ordenados por Deus a fim de que dêem prioridade à salvação de almas.

Método de Evangelismo

Pode perguntar-se: “Como podemos alcançar o povo nesta era científica que tem produzido tantas mudanças nas perspectivas filosóficas e religiosas das grandes massas?” Uma solução deve ser encontrada, porque o Senhor nos ordenou: “Ide, ensinai todas as nações, batizando-as... e eis que Eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos.”

Em *Atos dos Apóstolos*, lemos: “Pela conversão de um pecador o ministro deve usar seus recursos ao máximo.” — Pág. 370. Embora tenhamos o que se poderá pensar ser problemas insolúveis, se usarmos nossos recursos ao máximo, com muita oração e meditação encontraremos a divina solução. Outros problemas, nem sonhados no presente surgirão, mas esses também serão solucionados pelos determinados, consagrados e destemerosos homens de Deus.

Equipes de Obreiros e Vários Métodos a Serem Seguidos

Esta é uma época de especialização. A televisão apresenta-nos um grande desafio, quando não algum embaraço a nosso evangelismo. Vários aspectos para desenvolver o interesse numa campanha requerem mais que todo o tempo de um obreiro. Ter uma campanha bem sucedida significa que o evangelista deverá organizar seu trabalho em torno

de um *team* de obreiros bem qualificados para liderar em seu particular campo de atividade.

Para ganhar e manter a confiança de seu auditório, o evangelista precisa apresentar a sua mensagem de maneira que convença seus ouvintes de que está interessado em seu bem-estar pessoal, em sua paz e sua segurança. O grande evangelista batista, Buckner Fanning, disse recentemente: “Procuro vender esta verdade, como se eu fôsse um vendedor de seguros.” O encarregado de suas relações públicas, Earl Peed, disse: “Meu único trabalho é oferecer Buckner ao povo no método mais atual que existe — o mesmo método que eu usaria para vender café ou cereais.” — *Newsweek*, 28 de janeiro de 1957.

Nossa mensagem deve ser apresentada de maneira tão apelante que o povo seja atraído como por um magneto. Para alcançar isto é necessário uma grande soma de trabalho duro da parte do orador.

Para alcançar o povo em nossas conferências públicas, o evangelista precisa estudar e experimentar os atualíssimos métodos de apresentar nova verdade. Essas apropriadas sugestões são dadas no livro *Evangelism*:

“Deveis variar vosso trabalho, e não ter apenas uma maneira que julgais dever ser seguida todas as vezes e em todos os lugares.” — Pág. 106.

“Não nos esqueçamos de que há diferentes métodos para salvar diferentes pessoas.” — *Ibidem*.

“As classes de pessoas que encontrais decidem por vós a maneira como a obra deve ser apresentada.” — *Ibidem*.

“Deus poderia ter métodos novos e ainda não experimentados.” — Pág. 125.

“Alguns dos métodos usados nesta obra serão diferentes dos métodos usados no passado; *mas que ninguém, por causa disto, bloqueie o caminho pelo criticismo.*” — Pág. 105. (Grifo Nosso.)

O Exemplo de Paulo

Se adotássemos os princípios do apóstolo Paulo, testemunharíamos hoje um grande revivamento do evangelismo público.

“Porque, sendo livre para com todos, fiz-me servo de todos para ganhar ainda mais. E fiz-me como judeu para os judeus, para ganhar os judeus; para os que estão debaixo da lei, como se estivesse debaixo da lei, para ganhar os que estão debaixo da lei. Para os que estão sem lei, como se estivesse sem lei não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo), para ganhar os que estão sem lei. Fiz-me como fraco para os fracos, para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns.” I Cor. 9:19-22.

“Sendo astuto, vos tomei com dolo.” II Cor. 12:16.

“Não necessitais pensar que toda a verdade deva ser apresentada aos incrédulos, em toda e qualquer ocasião. Deveis planejar cuidadosamente o que dizer e o que deixar de

dizer. Isto não significa praticar o engano; é trabalhar como Paulo trabalhou. Ele diz: "Sendo astuto, vos tomei com dolo." Deveis variar vosso trabalho, e não ter apenas uma maneira que julgais deve ser seguida tôdas as vêzes e em todos os lugares. Vossa maneira pode vos parecer um sucesso, mas se tivésseis usado mais tato, mais da sabedoria da serpente, teríeis visto mais resultados em vosso trabalho." — *Evangelism*, págs. 125 e 126.

Precisamos encontrar métodos exequíveis de ganhar a atenção dos ateístas, agnósticos, católicos e judeus. Devemos esforçar-nos por encontrar métodos para manter grandes auditórios.

Tenho encontrado ocasionalmente obreiros conservadores que estavam numa trilha, temerosos de lançar mão de qualquer método novo ou diferente. Uma trilha pode ser descrita como uma sepultura com longas terminais. Lembrai-vos de que uma igreja agonizante está a caminho do cemitério. Sabeis o que é um conservador? Aqui está uma definição: "Conservador é uma pessoa que não acha que alguma coisa deva ser feita pela primeira vez." Mas que diz o Senhor? "Deus pode ter métodos novos e não experimentados ainda." — *Idem*, pág. 125. A mente deve ser ativa para inventar as melhores maneiras e meios de alcançar o povo que está diante de nós. Compreender a natureza humana e adequadamente no ponto de vista religioso de outros é necessário que a mente do ministro esteja alerta. Ele terá de tomar em conta o que gostam e o que não gostam os que devem ser alcançados, e tratar com simpatia as barreiras mentais até que a verdade seja vista em sua plena beleza, e então aceita.

Aqui está um quadro inspirado de como Deus vê o nosso evangelismo:

"Tivessem os crentes na verdade purificando suas mentes por obedecê-la, tivessem eles sentido a importância do conhecimento e refinamento de maneiras na obra de Cristo, e onde *uma alma* tem sido salva, poderia ter havido vinte." — *Evangelism*, pág. 110. (Grifo nosso.)

"O tempo é curto. Em todos os lugares são necessários obreiros para Cristo. Devia haver *uma centena* de obreiros fervorosos e fiéis nos campos missionários locais e estrangeiros, *onde agora há apenas um*." — *Idem*, pág. 22. (Grifo nosso.)

"Presentemente nem uma *milésima parte* da obra que devia ser feita nas cidades o está sendo, e isto poderia ser feito se homens e mulheres cumprissem seu inteiro dever." — *Idem*, pág. 29. (Grifo nosso.)

Esta instrução deve bastar para mostrar-nos como o Senhor considera nossas presentes atividades de salvação de almas. Certamente é tempo de se aplicar êsses princípios revelados pelo Céu em nosso evangelismo.

Programa para Avanço Evangelístico

Na página 707 de *Evangelism*, encontramos a seguinte indicação: "Avançai; penetrai novos territórios. . . Não deve haver tardança nesta obra." Esta penetração de novos territórios não deve encontrar limite ao longo da linha, porque "o círculo deve estender-se até que envolva o mundo." — *Idem*, pág. 19.

A despeito de nossos labores parece-nos ver tão poucos se agregarem à nossa igreja. Não será isto porque esperamos tão pouco? Jesus uma vez disse ao pai de um filho com espírito surdo: "Tudo é possível ao que crê." Devemos igualmente exclamar como aquêle pai: "Senhor eu creio; ajuda a minha incredulidade." S. Mar. 9:23 e 24.

Se a igreja cresce que cada um de nós é salvo para salvar, para ganhar o perdido, e pela fé obedecesse a esta injunção, logo testemunháriamos o seguinte quadro profético: "A palavra de Deus foi obedecida, e como resultado houve memoriais (igrejas) para Ele em cada cidade e vila." — *Idem*, pág. 699. Graças ao Todo-poderoso a igreja será triunfante.

Alguns podem argüir que o evangelismo é difícil, e que não compensa o dinheiro, o tempo e as energias requeridas para uma colheita maior. Dizem êles que o povo não sai para ouvir a mensagem; que estamos vivendo no século da TV. Mas o Senhor ordenou que a obra seja feita, não obstante os obstáculos aparentemente intransponíveis. Assim que todos os ministros e evangelistas digam como Calebe: "Subamos animosamente." Sob a guia do Espírito Santo a pregação da mensagem triunfará, e os filhos de Deus possuirão então a Canaã eterna. Evangelistas e coobreiros, esta é a oportunidade de ouro do evangelismo. Aproveitemos tôda oportunidade para levar a obra a um glorioso triunfo.



O Repto do Crescimento Intelectual e Espiritual

“A OBRA de ganhar almas para Cristo exige cuidadoso preparo. Não se deve entrar para o serviço do Senhor, sem a necessária instrução, e esperar o maior êxito. Os mecânicos, os advogados, os comerciantes, os homens de tôdas as atividades e profissões, são educados para o ramo de atividade que esperam seguir. É seu propósito tornarem-se o mais eficientes possível. ... Deveriam os servos de Cristo mostrar menos diligência em preparar-se para uma obra infinitamente mais importante?” — *Obreiros Evangélicos*, pág. 92.

“Quanto mais habilidade natural Deus haja concedido a um indivíduo, ... maior é a sua responsabilidade para usar o seu tempo e talentos para a glória de Deus. Não deve a mente manter-se inativa. Se ela não é exercitada na aquisição de conhecimento, haverá um afundamento na ignorância, superstição e fantasia. Se as faculdades intelectuais não forem cultivadas como deveriam sê-lo para glorificar a Deus, elas se tornarão auxiliares fortes e poderosos para levar à perdição.” — *Testimonies*, Vol. IV, pág. 443.

“Os homens de Deus precisam ser diligentes no estudo, fervorosos na conquista de conhecimento, nunca desperdiçando uma hora. Por meio de perseverante esforço podem eles galgar quase a qualquer degrau de eminência como cristãos, como homens de poder e influência.” — *Idem*, pág. 411.

“Se a Palavra de Deus fôsse estudada como deveria, os homens possuiriam uma amplitude mental, uma nobreza de caráter, uma estabilidade de propósito que raramente se vêem neste tempo.” — *Obreiros Evangélicos*, pág. 249.

“Deus requer o cultivo das faculdades mentais. É Seu desígnio que Seus servos possuam mais inteligência e mais claro discernimento que os mundanos, e Se desagrada dos que são muito descuidados ou muito indolentes para se tornarem obreiros eficientes e bem preparados. ... Se fôr submetido à direção do Espírito, quanto mais perfeitamente cultivado o intelecto, tanto mais eficazmente poderá ser usado no serviço de Deus. ... O Senhor deseja que obtenhamos tôda instrução possível, com o escopo em vista de partilhar com outros nosso conhecimento. ... Não devemos perder oportunidade alguma de preparar-nos intelectualmente para a obra de Deus.” — *Parábolas de Jesus*, págs. 333 e 334.

“Os ministros devem dedicar tempo à leitura, ao estudo, a meditar e orar. Devem enriquecer o espírito com conhecimentos úteis, aprendendo de cor porções das Escrituras, traçando o cumprimento das profecias, e aprendendo as lições que Cristo deu a Seus discípulos. Levai um livro convosco para ler enquanto viajais. ... Empregai todo momento vago em fazer alguma coisa.” — *Obreiros Evangélicos*, págs. 278 e 279.

“Cultura mental, eis o que nós, como um povo, necessitamos, e o que devemos possuir, a fim de satisfazermos às exigências da época. A pobreza, a origem humilde e um meio desfavorável, não impedem, necessariamente, o cultivo da mente. ...

“Encontrar-se-ão dificuldades em todos os estudos; nunca vos detenhais, porém, por causa do desânimo. Investigai, estudaí, orai; enfrentai cada dificuldade varonil e vigorosamente; invocai a força de vontade e a graça da paciência em vosso auxílio, e depois cavai mais diligentemente até que se vos depare a gema da verdade, clara e bela, e tanto mais preciosa quanto maiores foram as dificuldades encontradas para sua obtenção. Então, não vos detenhais continuamente sobre esse ponto, concentrando aí tôdas as energias da mente, e para êle solicitando constantemente a atenção dos outros: mas tomai outro assunto e examinai-o cuidadosamente. Assim, mistério após mistério será desvendado à vossa compreensão.

“Duas valiosas vitórias serão por êsse modo alcançadas. Não somente vos apoderareis de conhecimentos úteis, mas o exercício da mente vos acrescentará a capacidade mental. A chave encontrada para penetrar num mistério, pode revelar também outras jóias preciosas de conhecimento até então ocultas.” — *Obreiros Evangélicos*, pág. 280.

“Mas alguns que têm estado a pregar durante anos, ficam satisfeitos de se limitar a uns poucos assuntos, sendo demasiadamente indolentes para investigar as Escrituras com diligência e oração, a fim de se tornarem gigantes na compreensão das doutrinas bíblicas, e das lições práticas de Cristo.

“A mente de todos deve ser enriquecida com o conhecimento das verdades da Palavra de Deus, a fim de que possam achar-se preparados, em qualquer momento que lhe seja requerido, a apresentar do tesouro coisas no-

vas e velhas. Há espíritos que têm sido prejudicados e tornados raquíticos por falta de zelo e de esforço diligente e árduo. Chegou o tempo em que Deus diz: Avançai, e cultivai as aptidões que vos dei. . . . A causa de Deus necessita de homens de intelecto, homens que pensem, homens bem versados nas Escrituras, para enfrentar a avolumante onda de oposição. Não devemos sancionar a arrogância, a estreiteza de espírito e as incoerências embora se detêm sobre elas as vestes da professa piedade.” — *Idem*, pág. 281.

Aperfeiçoamento Próprio

“Aquêles que enxerga as oportunidades e privilégios de sua obra não permitirá que coisa alguma obste o caminho para os ardorosos esforços no sentido do aperfeiçoamento próprio. Não poupará esforços a fim de atingir a mais elevada norma de excelência.” — *Educação*, pág. 281.

“Podereis tornar-vos homens de responsabilidade e influência se, pelo poder de vossa vontade, unido à força divina, vos empenhardes fervorosamente no trabalho. Exercitai as faculdades mentais, em caso algum negligenciéis as físicas. Não deixeis que a preguiça intelectual feche vossa vereda para maior conhecimento. Aprendei a refletir, assim como a estudar, a fim de que vossa mente se expanda, fortaleça e desenvolva. Nunca penseis que tendes aprendido bastante e que podeis agora afrouxar vossos esforços. A mente cultivada é a medida do homem. Vossa educação deve continuar por toda a vossa vida; cada dia deveis estar aprendendo e pondo em uso prático o conhecimento adquirido.” — *Test. Sel.* [Edição mundial], Vol. I, pág. 581.

“Poderia ser conseguido muito mais no trabalho de autoeducação, se estivéssemos alerta para as nossas próprias oportunidades e privilégios. . . . Que a mente seja adestrada e disciplinada para lutar com os problemas difíceis na pesquisa da verdade divina.

“Os que têm fome de conhecimento para tornarem-se uma bênção para seus semelhantes, receberão eles mesmos bênçãos de Deus. Pelo estudo da Palavra, suas forças mentais serão estimuladas a uma atividade fervorosa. Haverá expansão e desenvolvimento das faculdades, e a mente adquirirá capacidade e eficiência.” — *Parábolas de Jesus*, pág. 334.

“A mente vulgar, bem disciplinada, realizará trabalho maior e mais elevado que o espírito mais altamente instruído, e que os maiores talentos, sem o domínio próprio.” — *Idem*, pág. 335.

“Aquêles cuja mente é esclarecida pela revelação da Palavra de Deus, a seu entendimento, compreenderá a responsabilidade que tem para com Deus e o mundo, e sentirá que seus talentos se devem desenvolver de maneira a produzirem os melhores resultados. . . . Ao passo que cresce na graça e no conhecimento do Senhor Jesus Cristo, compreenderá as próprias imperfeições, sentirá a própria ig-

norância, e buscará continuamente conservar e dilatar suas faculdades de espírito.” — *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, págs. 34 e 35.

“Caso o obreiro se haja consagrado plenamente a Deus e seja diligente em orar, suplicando força e sabedoria celestes, a graça de Cristo será seu guia, e êle vencerá os próprios defeitos, tornando-se mais e mais inteligente nas coisas de Deus. . . .

“O homem cuja mente é iluminada pela Palavra de Deus, há de sentir, mais que qualquer outra pessoa na Terra, que deve ser mais diligente no exame da Bíblia, no estudo das ciências; pois sua esperança e vocação são maiores que qualquer outra.” — *Idem*, pág. 461.

“Só Deus pode medir a capacidade da mente humana. Não era Seu desígnio que o homem permanecesse na ignorância, mas que se aproveitasse de todas as vantagens de um intelecto esclarecido e culto.

“Todos devem sentir que sobre si repousa a obrigação de atingir as alturas da grandeza intelectual. . . .

“Havendo entrado na escola de Cristo, o estudante está preparado a se empenhar na perseguição do saber, sem experimentar a vertigem das alturas que está galgando.” — *Obreiros Evangélicos*, pág. 279.

“Mentes ilustradas são agora necessitadas em toda parte da obra de Deus; pois neófitos não podem fazer trabalho aceitável de revelar os tesouros escondidos para enriquecer almas. Deus ideou que as escolas fôsem uma instrumentalidade para a formação de obreiros para Jesus Cristo, de quem Êle Se não envergonhará, e êste objetivo deve ser sempre mantido em vista. A altura que o homem pode atingir mediante a devida cultura não foi até agora atingida. Possuímos em nosso meio mais do que uma média de homens de capacidade.” — *Testimonies to Ministers*, pág. 195.

“Ao passo que nos cumpre pregar o evangelho aos pobres, devemos apresentá-lo também, em seu mais atrativo aspecto aos que são dotados de capacidade e de talento, e fazer esforços muito mais sábios, decididos, no temor de Deus, do que têm sido feitos até aqui, a fim de atraí-los à verdade.

“Para isto conseguir, porém, todos os obreiros se devem manter em um elevado nível de inteligência. Não podem fazer isto e imergir a um nível baixo, comum, achando que não importa muito a maneira por que trabalham, ou o que dizem, uma vez que estão trabalhando pelos pobres e ignorantes. Têm de aguçarse, e estar aparelhados e preparados a fim de apresentar inteligentemente a verdade às classes mais elevadas e alcançá-las.” — *Evangelism*, págs. 555 e 556.

“Um jovem ministro nunca deve ficar satisfeito com um conhecimento superficial da verdade, pois não sabe onde se lhe exigirá

que testemunhe em favor de Deus. Muitos terão de comparecer perante reis e doutos da Terra, a fim de responderem por sua fé." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 93.

"Mais elevado do que o sumo pensamento humano pode atingir, é o ideal de Deus para com Seus filhos. A santidade, ou seja, a semelhança com Deus, é o alvo a ser atingido. À frente do estudante existe aberta a senda de um contínuo progresso. Ele tem um objetivo a realizar, uma norma a alcançar, os quais incluem tudo que é bom, puro e nobre. Ele progredirá tão depressa, e tanto, quanto fôr possível em cada ramo do verdadeiro conhecimento." — *Educação*, págs. 18 e 19.

"A perseverança na aquisição de conhecimento, regida pelo temor e o amor de Deus, dará aos jovens acréscimo de poder para o bem nesta vida; e os que aproveitam ao máximo suas oportunidades para chegar a elevadas conseqüências, levarão estas consigo para a vida futura. Buscaram e conseguiram o que é imperecível. A capacidade de apreciar as glórias que 'o olho não viu, e o ouvido não ouviu' (I Cor. 2:9), será proporcional às conseqüências alcançadas." — *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, pág. 464.

Ressentimento ...

(Continuação da pág. 2)

— Pág. 10. Como observa o Dr. Clark, "cada homem de Deus precisa passar pelo seu batismo de fogo e beber o seu copo de amarguras. Ninguém está indene à má interpretação e mal-entendidos." — *Idem*, pág. 12.

Um pregador de ressentimento cega-se a si mesmo em face das realidades, azeda sua própria disposição, afasta pelo menos alguns de seus paroquianos, e perverte a administração da igreja. Ele promove unicamente seus sustentadores pessoais, e sua cólera comunicada destrói a religião vital tanto na vida de outros como na sua própria. "O ministro," diz Wayne C. Clark, "*deve compreender que um estado crônico de ressentimento é uma doentia estrutural para a mente, a qual está intimamente relacionada a outras formas de enfermidade mental.*" — *Idem*, pág. 18.

O ministro, melhor que todos os homens, deve reconhecer que a imperfeição é herança da natureza humana, e que a redenção não se alcança mediante o denunciar e condenar. Únicamente ocupando um lugar dentro do coração do seu povo e amando-o, pode ele tornar-se um instrumento nas mãos de Deus para a sua salvação pessoal. O amor cristão possui poder curador.

Sugestões a pastores-chefes

1. PLANEJAI COM ANTECEDÊNCIA. A maquinaria não basta. Propósitos e alvos devem ser claros como cristal.

2. ESTAI NA DIANTEIRA de vossa igreja e de vosso corpo de oficiais. Um líder deve ter mais visão que seu povo. Pensai como um administrador atilado e não como um aprendiz.

3. EDUCAÍ VOSSA CONGREGAÇÃO. Não podeis alcançar o máximo de eficiência sem pessoal adequado. Não é necessário que o pastor faça aquilo que os leigos podem fazer por si mesmos. Distribuí tarefas individuais ou particulares de acordo com seus principais interesses espirituais e na medida dos seus talentos.

4. DELEGAI RESPONSABILIDADES. Estai certos de que a tarefa atribuída foi específica e inteiramente compreendida. Acompanhai o trabalho. Determinai tempo para relatório de "missão cumprida."

5. ENCORAJAI E ASSISTI A VOSSOS COOBREIROS. Dar assistência em tempos cruciais é um dos segredos do êxito de liderança. Dai crédito a quem deve merecer crédito. Sede liberais e exatos em vossos louvores pelo resultado alcançado por outrem.

6. PREGAI E VIVEI A MORDOMIA. Trabalhai na base de parceria com Deus no que respeita a pastor e povo. Não é possível conseguir fundos em dízimos e ofertas para as necessidades da igreja local sem que a congregação compreenda amplamente o que seja mordomia.

7. RECEBEI VOSSA INSPIRAÇÃO DIRETAMENTE DE DEUS. Nenhum programa funciona propriamente como rotina. Nova vida da fonte de toda vida deve vitalizar toda administração pastoral.

A Mulher no Ministério

A primeira mulher a ser ordenada por uma Igreja Presbiteriana, nos Estados Unidos, depois que a Assembléia Geral da Igreja, reunida em maio de 1956, resolveu abrir as portas do ministério às mulheres, foi a Srta. Margaret Towner, diretora do Departamento de Educação Cristã na 1ª Igreja Presbiteriana de Allentown, Pensilvânia.

Um Estudo em Sete

R. F. CORREIA

Sete Coisas Santas

- | | |
|-------------------|-----------------|
| 1. Palavra Santa | Rom. 1:2 |
| 2. Lei santa | Rom. 7:12 |
| 3. Dia santo | Isa. 58:13 |
| 4. Nome santo | Isa. 57:15 |
| 5. Dinheiro santo | Lev. 27:30-32 |
| 6. Templo santo | I Cor. 3:17 |
| 7. Cidade Santa | Apoc. 21:2 e 10 |

Sete Coisas Sãs

- | | |
|-----------------|-------------|
| 1. Fé sã | Tito 2:2 |
| 2. Doutrina sã | II Tim. 4:3 |
| 3. Palavra sã | Tito 2:8 |
| 4. Mente sã | II Tim. 1:7 |
| 5. Sabedoria sã | Prov. 2:7 |
| 6. Caridade sã | Tito 2:2 |
| 7. Paciência sã | Tito 2:2 |

Sete Segredos da Felicidade

- | | |
|--|-----------------|
| 1. Felicidade se guardar a lei | Prov. 28:18 |
| 2. Felicidade se sofrer por Deus | I S. Pedro 3:17 |
| 3. Felicidade por Deus corrigir | Jó 5:17 |
| 4. Felicidade se faz o que Jesus manda | S. João 13:17 |
| 5. Felicidade se Deus é nosso Senhor | Sal. 144:15 |
| 6. Felicidade se encontra sabedoria | Prov. 3:13 |
| 7. Felicidade se confia no Senhor | Prov. 16:20 |

Sete Causas de Queda

- | | |
|---------------------|---------------|
| 1. Orgulho | Prov. 16:18 |
| 2. Ignorância | Osé. 4:14 |
| 3. Riquezas | Prov. 11:28 |
| 4. Língua perversa | Prov. 17:20 |
| 5. Coração duro | Prov. 28:14 |
| 6. Falsa liderança | S. Mat. 15:14 |
| 7. Raiz superficial | S. Luc. 8:13 |

Sete Princípios de Liderança Cristã

- | | |
|------------------------|--------------------|
| 1. Amor mútuo | S. João 15:21 e 17 |
| 2. Prioridade a outrem | Rom. 12:10 |
| 3. Serviço mútuo | Gál. 5:13 |
| 4. Perdão mútuo | Efés. 4:32 |
| 5. Ensino mútuo | Col. 3:16 |
| 6. Conforto mútuo | I Tess. 4:18 |
| 7. Oração mútua | S. Tia. 5:16 |

Sete Coroas

- | | |
|--------------------------|--------------|
| 1. Coroa da bondade | Sal. 103:4 |
| 2. Coroa do Conhecimento | Prov. 14:18 |
| 3. Coroa do Regozijo | I Tess. 2:19 |
| 4. Coroa da justiça | II Tim. 4:8 |

- | | |
|--------------------|----------------|
| 5. Coroa de glória | I S. Pedro 5:4 |
| 6. Coroa de honra | Heb. 2:7 |
| 7. Coroa da vida | S. Tia. 1:12 |

Sete Coisas que Dão Gôzo

- | | |
|-----------------|---------------|
| 1. Verdade | I Cor. 13:6 |
| 2. Esperança | Rom. 12:12 |
| 3. Misericórdia | Sal. 31:7 |
| 4. Salvação | Isa. 25:9 |
| 5. Trabalho | Ecl. 5:19 |
| 6. Bondade | II Crôn. 6:41 |
| 7. Recompensa | S. Mat. 5:12 |

Sete Sinais do Néscio

- | | |
|---------------------------|-----------------|
| 1. Bêca do néscio | Prov. 15:2 e 14 |
| 2. Olhos do néscio | Prov. 17:24 |
| 3. Canção do néscio | Ecl. 7:5 |
| 4. Ira do néscio | Ecl. 7:9 |
| 5. Pecado do néscio | Prov. 14:9 |
| 6. Conhecimento do néscio | Prov. 1:22 |
| 7. Riso do néscio | Ecl. 7:6 |

Sete Coisas no Coração (Sal. 51:10)

- | | |
|------------------------|--------------|
| 1. Cristo no coração | Efés. 3:17 |
| 2. Espírito no coração | II Cor. 1:22 |
| 3. Palavra no coração | Sal. 119:11 |
| 4. Verdade no coração | Sal. 15:2 |
| 5. Lei no coração | Sal. 40:8 |
| 6. Amor no coração | Rom. 5:5 |
| 7. Gôzo no coração | Ecl. 5:20 |

Sete Coisas Vãs

- | | |
|-------------------|-----------------|
| 1. Beleza vã | Prov. 31:30 |
| 2. Religião vã | S. Tia. 1:26 |
| 3. Conversação vã | I S. Pedro 1:18 |
| 4. Adoração vã | S. Mat. 15:9 |
| 5. Glória vã | Gál. 5:26 |
| 6. Pregação vã | I Cor. 15:4 |
| 7. Trabalho vão | I Tess. 3:5 |

Sete Tempos (Ecl. 3:1-8)

- | | |
|-------------------------|-----------------|
| 1. Tempo do fim | Dan. 12:9 |
| 2. Tempo de ignorância | Atos 17:30 |
| 3. Tempo de reforma | Heb. 9:10 |
| 4. Tempo da colheita | S. Mat. 13:39 |
| 5. Tempo de juízo | I S. Pedro 4:17 |
| 6. Tempo de angústia | Dan. 12:1 |
| 7. Tempo de necessidade | Heb. 4:16 |

Sete Habilidades do Todo-Poderoso

- | | |
|----------------------|---------------|
| 1. Capaz de livrar | Dan. 3:17 |
| 2. Capaz de submeter | Fil. 3:21 |
| 3. Capaz de dar | II Crôn. 25:9 |
| 4. Capaz de socorrer | Heb. 2:18 |
| 5. Capaz de guardar | Judas 24 |
| 6. Capaz de fazer | Efés. 3:20 |
| 7. Capaz de salvar | Heb. 7:25 |



VANGELISMO DA SAÚDE

Informação Recente Sobre Triquinose

JOYCE WILSON

Secretário-Assistente do Departamento Médico,
Educação e Saúde

INFORMAÇÃO recente sobre triquinose, uma infestação do porco transmitida ao homem, está aparecendo continuamente em revistas médicas. Uma vez que muitos não têm acesso a essas revistas, reproduzimos aqui uns poucos dentre os últimos comentários feitos sobre essa enfermidade.

Do *Journal of American Dietetic Association*, setembro de 1956, "Handling Pork to Prevent Trichinosis," Ester Louise Brown, págs. 802-806:

"Os Estados Unidos — um país que se tem orgulhado de sua cultura sanitária e progressos em saúde pública — possui a mais alta média de infecção do verme de *Trichinella* que qualquer outro país do mundo. Estima-se que no decurso de sua vida, o americano consome em média duzentas vezes a carne de porco contendo triquina.

"Poucas infecções resultam em séria enfermidade... a infecção não é transmitida de pessoa a pessoa.

"A incidência da triquinose nos Estados Unidos entre suínos durante os últimos cinqüenta anos tem mostrado relativamente pouco declínio."

A Razão Bíblica

Falando posteriormente, a autora chega a afirmar que alguns admitem ter sido o reconhecimento da enfermidade a razão da proibição aos israelitas de comerem carne de porco. O rato e o urso são também afetados pela enfermidade. Estimam as autoridades que 16% dos americanos, ou cerca de 22 milhões de pessoas, podem ser afetados em alguma proporção por essa debilitante enfermidade. Entretanto, os judeus são raramente afetados.

"A triquinose não ocorreria normalmente nos suínos se eles não tivessem acesso ao lixo cru contendo restos cru de porco ou a roedores infectados que eles podem também comer." — *Ibidem*.

Sendo que os primeiros sintomas de triquinose muito se assemelham aos de outras enfermidades, são não raro tomados como in-

fluenza, sinusites, febre reumática crônica, tuberculose, etc. A triquina pode viver enquistado durante anos nos músculos do portador. A triquinose é incurável, exceto no momento em que o corpo enquistou o verme, porque não há maneira de remover-se o verme uma vez havendo êle invadido o tecido humano.

Métodos de Controle

Há dois métodos de controle da saúde pública com respeito a esta enfermidade, ambos os quais estão na área da prevenção: (1) Se os suínos são alimentados com detritos, então êstes devem ser cozidos totalmente; (2) o público deve ser ensinado a submeter o porco a uma cocção completa. Esta última parte do conselho deve ser atendido por todos os lugares de refeições bem como pelos lares, pois está sempre presente o perigo de infecção.

Posterior informação do *Yearbook of Agriculture*, 1956, U. S. Government Printing Office, Washington 25, D. C.

"Os suínos são provavelmente susceptíveis a maior número de enfermidade que qualquer outro animal doméstico, e muitas de suas enfermidades são transmissíveis ao homem. Entre êles enumeram-se a brucelose, a leptospirose, a salmonelose, a tripanosomíase, a triquinose e a cisticecose. A triquinose e a cisticecose têm sido reconhecidas como problema de saúde em muitas partes do mundo e supostamente são a base do primeiro código sanitário." — Pág. 19.

E do *Instructor's Guide for Sanitary Food Service*, U. S. Public Health Service, 1952:

"Pergunta: É a triquinose uma enfermidade rara?"

Resposta: Não. Uma pessoa de cada seis tem-na ou tê-la-á antes da morte, se comer carne de porco ou seus derivados." — Pág. 163.

"Uma de cada seis pessoas que morrem em acidentes, de câncer, tifo, tuberculose e outras causas verifica estar infectada de triquinose." — Pág. 171.

NOTÍCIAS - Da Imprensa



◆ O Dr. José Maria Delgado, médico bem conhecido e preeminente católico romano leigo, foi nomeado como embaixador filipino ao Vaticano. Será ele o primeiro filipino a ocupar o posto de embaixador no Vaticano com tempo integral.

◆ A necessidade de co-participação de genuínos protestantes e católicos romanos na vida política da Alemanha foi acentuada numa resolução adotada numa reunião em Kassel, Alemanha, assistida por uns 800 protestantes. São eles os membros da União Democrática Cristã (UDC) e seus filiados, a União Social Cristã (USC), que pela primeira vez na história da Alemanha, uniu protestantes e católicos numa junção de esforços políticos.

◆ A Livraria do Congresso anunciou a aquisição de um exemplar da rara Bíblia de Kralice, publicada em 1956 como produto de mais de 30 anos de trabalho da Unitas Fratum, ou Igreja dos Irmãos Checos. Considerada pelos estudiosos como "uma das mais perfeitas traduções das Escrituras" a Livraria disse: "é um dos poucos exemplares existentes fora da Checoslováquia, e ficará à disposição dos estudiosos de Bíblia americanos para exame e estudo."

◆ Cenas de extraordinária devoção foram testemunhadas em Warsaw, quando 300.000 católicos romanos tomaram parte numa procissão de Corpus Cristi, dirigida pelo cardeal Wyszynski, primaz da Polônia. Da escadaria de Sta. Ana, onde fora erigido um altar ao ar livre, o cardeal disse à multidão que havia levado com ele de Roma a bênção do Papa Pio XII, que lhe tinha expressado paternal confiança no destino da Polônia. — *Ministry*, outubro de 1957.

◆ Mãos Por Sobre o Abismo

Um arcebispo europeu empregou linguagem idêntica à usada na pág. 588 de *O Conflito dos Séculos*.

"Graças a Deus, ultrapassamos o período

em que a porfia confessional foi posta acima dos grandes interesses nacionais. A ênfase no que é comum a todos os cristãos nunca foi salientada tão forte e ativamente quanto na última década. As duas confissões depuseram reverentemente a grande Cruz de Cristo sobre o abismo que as separa em questões de crença. Assim, foi construída uma ponte santa que nos torna possível, sem dificuldade, estender um ao outro uma mão fraternal. Ninguém sabe quando virá o bendito dia de reunião." — Arcebispo Grober, citado por Adolfo Keller em *Christian Europe Today*, pág. 260.

◆ A Crença dos Cientistas na Ressurreição

O Dr. A. C. Ivy, do Departamento de Química, da Universidade de Illinois, EE. UU., declara a sua crença na ressurreição corpórea de Cristo: "Creio na ressurreição corpórea de Jesus Cristo. Como dizeis, êsse é 'um assunto pessoal', mas não me envergonho de que o mundo saiba o que creio e posso esclarecidamente defender a minha crença. ... Não posso provar esta crença como em minha biblioteca me é possível fazê-lo com certos fatos científicos que há cem anos eram quase tão misteriosos quanto a ressurreição de Jesus Cristo. Com base na evidência histórica do atual conhecimento biológico, o cientista fiel à filosofia da Ciência pode duvidar da ressurreição corpórea de Jesus Cristo, mas não a pode negar. Porque o fazê-lo significa que ele pode provar que ela não ocorreu. Só posso dizer que a Ciência Biológica atual não pode ressuscitar um corpo que esteve morto e sepultado três dias. Negar a ressurreição de Jesus Cristo com base no que hoje sabe a Biologia é, segundo a minha filosofia da verdadeira atitude científica, manifestar atitude não científica." — Citado por Wilbur M. Smith, no artigo Os Cientistas do Século Vinte e a Ressurreição de Cristo, *Christianity Today*, 15 de abril de 1957.

O B R E I R O,

faça da REVISTA ADVENTISTA a sua revista, leia-a de princípio a fim, cite-a em seus sermões e em suas visitas missionárias, aconselhe todos os membros de sua igreja a lerem-na assiduamente!